



AGRICULTURA, A MAIS NOBRE DAS RIQUEZAS



O ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, esteve na região no dia 10 de maio último. Sempre acompanhado pela direção da COTRIJUI, de quem recebeu carinhosa homenagem, inaugurou os armazéns de Au-

gusto Pestana e Ajuricaba, cada um deles com capacidade estática de 30 mil toneladas. Em Augusto Pestana, viu a soja caindo das correias transportadoras para o interior do grande armazem, cuja inauguração presidiu juntamente com o

vice-governador do Estado, Amaral de Souza. Em Ajuricaba, além do graneleiro, inaugurou um supermercado da cooperativa.

Recebido em festa pelos povos de ambos os municípios (em Augusto Pes-

tana foi calculada uma multidão de 5.000 pessoas) tendo a frente os prefeitos Ary Hintz e Notélio Mariotti, é natural que o tema dos discursos versassem sobre soja, trigo e agricultura em geral, que foi qualificada de "a mais nobre das rique-

zas" produzidas no Brasil. Nas páginas 4 e 5 estamos dando detalhes da visita do ministro Paulinelli e comitiva e publicamos os discursos do presidente da cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva e do ilustre visitante.

A DIFÍCIL PREVISÃO
DO MERCADO DA SOJA

6/7

PROJETO AMAZÔNIA
COM O GOVERNADOR

13

ASSEMBLÉIA ESTUDA
OS FERTILIZANTES

20

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA**

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO**Direção Executiva:**

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.
Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, José Cláudio Kohler e Jaci Luciano de Souza.

Suplentes:

Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto, Emilio Uhde.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social. Nossa tiragem, 11.000 exemplares.

EXPEDIENTE**Redação e Administração:**

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9

Redator: Responsável—

—Raul Quevedo—

registro profissional no MTPS. 1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto e Rui Michel.

Composto nas oficinas do "Jornal da Manhã, e impresso no "Correio Serrano".

EDITORIAIS**ADIDOS AGRÍCOLAS**

Em depoimento perante a Comissão de Agricultura da Assembléia Legislativa, a 14 de maio, o presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, voltou a ressaltar a necessidade de implantação de um sistema de informações junto às áreas de produção no exterior, principalmente nos Estados Unidos, para neutralizar as manipulações do mercado internacional no setor.

Essa sugestão do presidente da COTRIJUI, que aliás foi endossada pelo presidente da Confederação Nacional da Agricultura, Flávio de Brito, ao depor perante a Comissão Parlamentar de Inquérito das Multinacionais, na Câmara Federal, foi levantada pelo COTRIJORNAL em setembro de 1974 (edição nº 13, Visão Econômica Mundial), como uma necessidade inadiável.

Dizia este jornal naquele editorial, que os produtores brasileiros — através de suas cooperativas — e o próprio Governo, "precisam nomear representantes no exterior". Eram os adidos agrícolas que pleiteávamos como os observadores necessários à base da informática de mecânica de mercado para nossos exportadores.

Nossa sugestão baseava-se na própria advertência presidencial feita aos secretários de Agricultura, reunidos em Brasília, a 26 de julho daquele ano. Salientou o presidente Ernesto Geisel na oportunidade que "o problema mais difícil de ser resolvido é o da comercialização com o exterior, pois não há ainda uma estrutura adequada e os produtores e os próprios consumidores são prejudicados pelos intermediários, que auferem os maiores lucros.

Nos pareceu, então, que o chefe da Nação estivesse preocupando com o elevado índice de desinformação do setor e estivesse tentando persuadir o empresariado agrícola a tentar obter uma visão econômica mais ampla do comércio mundial.

Saltando na frente, a COTRIJUI deu um magnífico exemplo, ao levar 120 agricultores associados à região de produção agrícola dos Estados Unidos (Illinois, Minnesota, Iowa, no centro, região do cinturão do milho e no sul, Tennessee, Mississippi e Arkansas), com visita a Bolsa de Cereais de Chicago, no período setembro/outubro de 1974.

As observações feitas in loco, pelos técnicos que acompanharam a missão, consubstanciou o ponto-de-vista defendido, que é urgente a necessidade de termos especialistas de produção e de mercado adidos às nossas embaixadas, principalmente nos Estados Unidos e nos países componentes da área do Mercado Comum Europeu.

Felizmente, a idéia agora toma corpo. Espera-se que em breve possamos ter as primeiras informações oriundas das regiões chaves da produção e comercialização de cereais, transmitidas por técnicos brasileiros especializados nessas áreas de ação, hoje bastante conflitantes do comércio internacional.

**AGRICULTURA
E PECUÁRIA**

Ao presidir no dia 24 de maio, em Camaquã, a solenidade de entrega de prêmios aos vencedores da I Exposição de Gado Rústico da Raça Devon, o governador Sinval Guazzelli convocou os pecuaristas do Estado "para acelerarem o processo de integração lavoura e pecuária, a fim de atenderem os elevados interesses da economia gaúcha". Manifestou também a sua satisfação em participar da solenidade, ocasião em que, segundo disse, "pude sentir de perto o quanto os homens do campo estão dispostos a dar de sua iniciativa, criatividade, esforço e pertinácia, para elevar os índices da nossa produção primária".

Em outro trecho de sua alocução, o governador Sinval Guazzelli enfatizou as medidas governamentais tanto na área estadual como na federal, em prol do aumento da produtividade agropecuária, nos setores da pesquisa, da tecnologia, do crédito e dos subsídios para fertilizantes e insumos básicos. Lembrou em seguida que num prazo máximo de dois anos, a Companhia Riograndense de Nitrogenados, mediante providências que estão sendo tomadas pelo governo, "poderá oferecer aos agricultores, fertilizantes e corretivos a preços mais justos".

A integração da agricultura com a pecuária, no que se relaciona com o Rio Grande do Sul, é uma perspectiva altamente válida e tem plena conotação com as reais possibilidades do Estado, na maior parte de seu território.

A COTRIJUI, de sua parte, vem desenvolvendo há tempos um trabalho de integração nesse sentido em sua área de ação, principalmente no que se refere a pecuária leiteira e mais recentemente, ao engorde de novilhos para abate. Com a criação do setor de forrageiras, vinculado ao departamento técnico, setor que foi entregue à supervisão de especialista inclusive com curso de extensão universitária, foi aberta uma nova opção para os agricultores da área da cooperativa.

A cooperativa vinha estimulando o setor gado leiteiro, como o melhoramento genético dos rebanhos através da inseminação. Foram instalados nos principais municípios da região, em convênio com as prefeituras municipais, a Secretaria da Agricultura e os sindicatos rurais. Com a criação do setor de forrageiras, passou a cooperativa a dar seguimento a um plano de formação de forrageiras de inverno e verão, tendo em vista o engorde de gado para abate. Aproveitando as feiras de terneiro, a cooperativa tem adquirido gado para repasse a associados possuidores de boa infraestrutura de engorde, com bons resultados econômicos e práticos.

Vê-se, pois, que a experiência da COTRIJUI na integração agricultura-pecuária, justifica a perspectiva lançada em Camaquã pelo governador Sinval Guazzelli, a título de chamamento a classe rural do nosso Estado. Dadas as nossas condições, o casamento dessas duas atividades é plenamente exequível e se realizado com tecnologia, significará a redenção total da sócio-economia do agricultor gaúcho.

FAO PREOCUPADA COM POLÍTICA DE ADUBOS

O diretor-geral da FAO, dr. A. H. Boerma, analisou perante a Conferência Mundial sobre Alimentação, realizada em Roma, em novembro do ano passado, a situação do mundo em face da alimentação e das necessidades do homem. Tendo em vista a significação do enfoque dado ao tema por aquela autoridade e pelo fato de o assunto continuar atual, damos a seguir um resumo daquela palestra.

Disse o dr. Boerma:

Quase 30 anos atrás, John Boyd Orr, na primeira conferência em seu caráter de primeiro diretor-geral da FAO, evocou a idéia do que qualificou de "um grande plano alimentício mundial que livrará a humanidade da fome".

Mas hoje, uma geração após as incisivas palavras do dr. John B. Orr, o problema mundial da alimentação continua sem solução, e até com acentuado grau de agravamento. Sem dúvida, existem hoje mais homens que carecem de alimentação do que em qualquer outra época desde 1945.

As dimensões da crise atual são deveras inquietantes. A produção mundial de cereais, que constitui a chave da situação, voltou a cair em 1974, pela segunda vez em três anos. Condições climáticas rigorosas provocaram grandes danos nas colheitas da América do Norte e da Ásia, que por diferentes razões são as regiões produtoras de alimentos mais importantes do mundo.

Os estoques de grãos tem diminuído até níveis perigosos e teme-se que devemos levar de dois a três anos até que possamos repor os estoques aos níveis de antes da crise.

E em outro trecho de seu discurso, disse Boerma:

A escassa disponibilidade atual e os altos preços dos fertilizantes e pesticidas agravam o problema da alimentação. Ainda que se apresente uma melhoria no mercado de adubos em futuro próximo, pensamos que continuarão as dificuldades ainda por um longo tempo. Por essa razão, apelo aos governos para que através de compromissos posteriores apoiem o Plano da FAO sobre Abastecimento Internacional de Fertilizantes, sobre o qual esta Conferência presta o melhor de sua atenção.

O Plano da FAO sobre

Fertilizantes tem em vista preocupações sobre distribuição e sobre os preços do produto nos diferentes países produtores de alimentos. Ao mesmo tempo, preocupa-se a FAO em coordenar uma política a nível de qualidade uniforme desses fertilizantes. Sabemos que o mundo necessita em grande escala de uma tecnologia nova em fertilizantes. E deve evitar a todo o custo as desastrosas oscilações que vão desde a escassez ao superavit do produto, em diferentes épocas, o que dá margem aos indiscriminados aumentos de preço, que as vezes chegam a tornar o produto impossível de ser usado racionalmente pelos agricultores.

A crise da alimentação é terrível em determinadas partes da Terra. E essa é a maior ignomínia de nossos tempos. Numa época em que o homem capacita-se para conquistar outros planetas, usando avançada tecnologia e ciência, não se pode conceber que não resolva a simples situação alimentar do homem.

O gado no mundo desenvolvido é alimentado com maior quantidade de cereais do que conseguem consumir largas parcelas da população do mundo subdesenvolvido ou até mesmo os que estão em fase de desenvolvimento.

Afirmamos que a produção de alimentos não se pode separando problema da ocupação rural. O comércio e as questões de caráter monetário nos diferentes países, afetam diretamente a capacidade das nações para produzir e comprar o alimento de que necessitam. E sem dúvida uma agricultura delibitada pode destruir os melhores planos de desenvolvimento.

Faz-se necessária uma política mundial de alimentação, que inclua a nutrição como parte integral de uma política de desenvolvimento mundial. Mas não se deve conceber uma simples política mundial de alimentação, sem um compromisso de ação.

Os esforços para incrementar a produção de alimentos nos países em desenvolvimento deve constituir-se na preocupação básica e no único elemento dentro da política mundial, com o necessário apoio de medidas complementares de ação intensiva, para execução a curto prazo, disse o sr. Boerma, E dessas medidas complementares, não devemos nos afastar de uma política de fertilizantes para todos.

ELEITO PRESIDENTE DO CRI

NOVA IORQUE — David Rockefeller, presidente honorário e Emilio G. Collado, presidente do Conselho do Centro para Relações Interamericanas, anunciaram nos primeiros dias de maio, a eleição de Roger D. Stone como presidente do centro.

O CRI reúne cerca de 600 representantes de 20 países do hemisfério ocidental, e tem como objetivo servir de fórum para o debate de assuntos relacionados com as atividades políticas, econômicas, culturais e sociais das Américas.

Na mesma oportunidade do anúncio de Roger Stone como seu presidente, o CRI obteve o status especial da Organização das Nações Unidas como organização internacional independente. Sua sede é na Park Avenue, 680 — Nova Iorque.

N. da R. — Roger D. Stone é vice-presidente do "The Chase Manhattan Bank. Nessa condição, esteve em visita a COTRIJUI em junho de 1974, na companhia de funcionários do Banco Lar Brasileiro. Na foto, tirada na ocasião, o banqueiro americano aparece à esquerda, acompanhado pelo vice-presidente da cooperativa, Arnaldo Oscar Drews; Julio Peña Gutierrez e Augusto Menezes, ambos da Banco Lar Brasileiro.



ONU QUER UNIFICAR FUNDOS DE AJUDA

NOVA IORQUE — Um grupo de analistas que estudou as reformas das estruturas das Nações Unidas para o desenvolvimento econômico, propôs a unificação dos Fundos Voluntários da ONU, que atualmente somam 35, em apenas um Fundo e a designação de um secretário para ficar encarregado de todos os problemas do desenvolvimento.

O relatório será debatido

na 7ª Assembléia-Geral da ONU, em setembro, e foi analisado por uma comissão de 25 personalidades, entre as quais o Embaixador do Brasil, Corrêa da Costa. O documento recomenda uma drástica reformulação do Conselho Econômico e Social da ONU, a fim de que ele funcione durante todo o ano.

As propostas apresentadas

ao Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim, representam um ambicioso projeto de reformas equilibradas, entre os países em desenvolvimento e os países industrializados. Propõem a unificação das tarefas de desenvolvimento sócio-econômico e a implantação de apenas uma comissão, que se reuniria fora das sessões normais, e a nível ministerial.

IRÃ INVESTIRÁ NA AGRICULTURA BRASILEIRA

TEERÃ — O Irã estuda a realização de investimentos nos setores agrícola e industrial do Brasil e o aumento de suas compras daquele país, anunciou-se em Teerã. O governo iraniano mandará técnicos ao Bra-

sil, após a visita que faz atualmente àquela Nação uma delegação chefiada pelo presidente do Banco Central, Angelo Calmon de Sá.

Os iranianos estão interessados em fazer investimentos nos seguintes

setores: bauxita, minas de ferro, indústrias petroquímicas e mecânicas, açúcar e soja. Eles querem importar açúcar, madeira e maquinária industrial. Contudo, fonte de missão brasileira disse que ainda não foi tomada qualquer decisão a respeito.

INFLAÇÃO AMERICANA

WASHINGTON — Dados oficiais divulgados em Washington, revelaram que a recessão e a inflação nos Estados Unidos foram piores em princípios de 1975 do que acreditava. Segundo o Departamento de Comércio, o PNB diminuiu, no primeiro trimestre deste ano, a um ritmo anual de 11,3 por cento, ao invés de 10,4 por cento anunciado anteriormente. Enquanto isso, a inflação continuava com um ritmo de 8,5 por cento e não 8 por cento.

GRÉCIA NO MCE

BONN — Na iminência de perder um sócio — a Inglaterra decidirá em plebiscito sua permanência no Mercado Comum Europeu. O MCE receberá, antes do final do ano, uma proposta da Grécia para tornar-se o 10º país do Mercado Comum Europeu. Depois de três dias em Bonn, o Primeiro-Ministro Constantino Caramanlis conseguiu o apoio do governo da República Federal da Alemanha para o ingresso da Grécia na comunidade econômica européia.

REGIÃO RECEBEU COM FESTA MINISTRO DA AGRICULTURA

A semana que precedeu os dias 9 e 10 de maio, foi de expectativa para a região noroeste do Estado, em face da vinda do ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli. O ministro esteve por dois dias na região, tendo visitado os municípios de Três Passos, Cruz Alta, Panambi, Ajuricaba e Augusto Pestana. Nestes dois últimos municípios o ministro Paulinelli presidiu as solenidades de inauguração de dois novos armazéns graneleiros da rede da COTRIJUI, com capacidade de armazenagem estática de 30.000 toneladas cada um. Em Ajuricaba, além do graneleiro para cereais, o Ministro presidiu a solenidade de inauguração do supermercado da cooperativa, que está instalado junto ao graneleiro e escritórios da cooperativa, nas proximidades da cidade.

Foi o seguinte o roteiro do Ministro, na região: no dia 9, nos municípios de Três Passos e Cruz Alta, inaugurou dois silos graneleiros. No dia 10, bem cedo, inaugurou uma fábrica de implementos agrícolas em Panambi, de onde dirigiu-se com grande comitiva para o município de Augusto Pestana.

Recebido pelas autoridades do município e direção da COTRIJUI, nas pessoas do prefeito Ary Hintz e eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, o Ministro e comitiva foram recepcionados por uma multidão de mais de quatro mil pessoas que se aglomerava nas imediações do graneleiro da cooperativa, nas proximidades da cidade pestanense.

Faziam parte da comitiva ministerial, o vice-governador do Estado, sr. Amaral de Souza, que representava o governador Synval Guazzelli; o secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio, o superintendente da SUNAB, Ruben Noé Wilken e o diretor da Comissão de Financiamento da Produção, Sr. Paulo Vianna.

Recepcionaram o Ministro e sua comitiva em Augusto Pestana, além de uma multidão de associados da COTRIJUI residentes no município e região próxima, as seguintes autoridades: prefeito municipal Ary Hintz, prefeito municipal de Ijuí sr. Emídio Odósio Perondi; Notélio Mariotti, de Ajuricaba e prefeitos municipais de Catuípe e de Carazinho, todos acompanhados do respectivo secretariado. A COTRIJUI estava presente com a totalidade de suadretoria, corpo técnico e chefes de departamentos.

Após inaugurado o graneleiro da cooperativa, cuja placa foi descerrada juntamente pelo vice-governador e o ministro conjun-



tamente, foi servido um churrasco nas próprias dependências do armazém, tendo participado todo o público presente ao ato.

Falaram na oportunidade o prefeito Ary Hintz, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, o vice-governador José Amaral de Souza e o ministro Alysson Paulinelli.

AJURICABA

De Augusto Pestana, a comitiva acompanhada pela direção da

COTRIJUI e representantes da imprensa, inclusive jornalistas e radialistas de Porto Alegre, dirigiram-se para o município de Ajuricaba.

Por volta das 15 horas foram inaugurados o armazém graneleiro da cooperativa, cuja capacidade também é de 30 mil toneladas estáticas para cereal a granel e um supermercado, com o que a COTRIJUI passa a prestar mais um

serviço para os associados residentes naquele município.

As autoridades foram recebidas oficialmente pelo prefeito Notélio Mariotti, que acompanhara a caravana desde Augusto Pestana, Coube ao Ministro o descerramento da placa, conforme já ocorrera na inauguração anterior. Após percorridas as instalações da COTRIJUI em Ajuricaba, a comitiva ministerial rumou para Ijuí,

onde após entrevista coletiva à imprensa no aeroporto municipal Salgado Filho, voou para Porto Alegre, onde fez transbordo para Brasília.

Publicamos a seguir, a íntegra do discurso do ministro Alysson Paulinelli e uma síntese do discurso do presidente da COTRIJUI, eng. Agr. Ruben Ilgenfritz da Silva.

AGRICULTURA: A MAIS NOBRE DAS RIQUEZAS

Discurso do presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva:

Senhor ministro:

A emoção que se apossa de nós neste momento, talvez perturbe o nosso pensamento, impedindo que possamos transmitir a V. Excia. e sua digna comitiva, tudo aquilo que de satisfação e euforia toma conta de nossos corações neste momento.

Senhor ministro Alysson Paulinelli. O que V. Excia. assiste aqui, juntamente com os demais acompanhantes, dignos representantes da nação brasileira, e uma festa. Festa dos agricultores que, acreditando em si, acreditando na sua capacidade de trabalho e no seu arraigado espírito de união, afastaram do seu vocabulário a palavra impossível. E porque afastaram do vocabulário o impossível, estão realizando tudo aquilo que o impossível afirmava ser irrealizável.

Senhor Ministro. Se hoje

constatamos os campos cultivados, e cultivados tecnicamente; se V. Excia. participa de um encontro com produtores agrícolas no interior de um armazém graneleiro semi-acabado na sua apresentação física externa mas já com condições plenas para receber em seu interior a produção que está em fase de colheita nos campos próximos e se nos podemos enumerar uma série de grandes realizações no campo da tecnologia, da pesquisa agrícola, do transporte — inclusive de apoio à navegação transeônica, cujo exemplo é o Terminal Graneleiro de Rio Grande — V. Excia. pode identificar nas faces talvez de aparências rude desses homens que ai estão, aos milhares, prestigiando a vinda de V. Excia. e comitiva ilustre. São eles os fatores da obra cooperativista da COTRIJUI, que hoje, — sabemos — o Brasil inteiro admira e já se comenta no exterior.

Esse grupo de agricultores, que traz nas mãos calejadas a mais nobre identificação de valor que é o trabalho criador de riqueza e bem-estar, encontrou no movimento cooperativista o alicerce, a base de apoio para o seu avanço na escala de valores que busca afanosamente, indomidamente, para si e para sua família. Foi o cooperativismo a maneira de somar esforços para a realização de seus objetivos. E na busca desses objetivos, demonstrando, inclusive, largo espírito público, não se preocupou unicamente em alicerçar as suas bases na zona, na região de sua atuação.

Foi bem mais longe, Senhor Ministro, a capacidade de trabalho, o poder de ação; diria até, a ousadia desses homens. Somadas as suas forças à comunhão dos interesses gerais, no sentido do benefício coletivo, instalaram-se às margens do oceano, através daquela obra

que já foi qualificada de monumento à capacidade realizadora e ao talento criativo do brasileiro: o Terminal Portuário de Rio Grande. Essa obra, onde esperamos contar com a presença de V. Excia. por ocasião de sua inauguração no próximo mês de julho quando a COTRIJUI completar 18 anos de idade. Naquela oportunidade, quando dermos a denominação adequada àquela obra, batizando-a com o nome de seu idealizador e lutador principal por sua consecução, o saudoso líder cooperativista Luiz Fogliatto, desaparecido prematuramente quando realizava o melhor de seu trabalho, na presidência da COTRIJUI.

E ao denominar de Luiz Fogliatto aquela obra, Senhor Ministro, temos certeza de estar homenageando a todos os cooperativistas, a toda essa massa de trabalhadores agrícolas que aqui homenageiam V. Excia., neste momento. Esses trabalha-

PAULINELLI: COTRIJUI DÁ EXEMPLO AO BRASIL

Discurso do Ministro:

“Excelentíssimo sr. vice-governador do Estado do Rio Grande do Sul; exmo. sr. Secretário da Agricultura, meu prezado amigo Getúlio Marcantonio; exmo. sr. prefeito municipal de Augusto Pestana; exmos. srs. presidente da câmara e líderes de bancadas. Exmas. autoridades que participam deste encontro. Meus companheiros do Ministério da Agricultura, srs. dirigentes de cooperativas. Meu prezadíssimo amigo e colega Dr. Ruben, presidente da COTRIJUI. Meus caros produtores e suas exmas

famílias. Estamos neste Estado, numa reunião de trabalho, numa viagem de diálogo. Venho trazendo a palavra do seu conterrâneo, o nosso grande presidente Ernesto Geisel. Uma palavra de confiança, de fé, e sobretudo de agradecimento ao trabalho que os senhores vem realizando em benefício do crescimento nacional. Reconhecemos as dificuldades que estamos vivendo na hora presente. Um mundo em crise, crise de energia, crise de matérias-primas, crise de liderança, crise econômica sem precedentes. Crise que fatalmente trará consequências a um país em desenvolvimento como o Brasil. Reconhecemos as dificuldades que vive a economia mundial e dentro dela a economia brasileira. Mas temos sobretudo confiança e fé nos destinos da grande nação em que vivemos. Se ainda ontem tínhamos os efeitos benéficos da chamada etapa de ouro da economia mundial, onde o problema era apenas produzir, pois as grandes nações consumidoras do mundo eram capazes de comprar e armazenar as matérias-primas e os alimentos. Preferiam elas estocarem dentro de suas próprias fronteiras, muito mais as matérias-primas e os alimentos do que uma moeda — o dólar — que estava em decadência.

O nosso problema foi apenas produzir. Mesmo muitas vezes antes de colhermos nossas safras já existiam batendo às nossas portas os compradores ávidos dos alimentos que produzíamos. De 1973 para cá, com a chamada crise internacional do petróleo e das matérias-primas, estamos vivendo momentos de profunda modificação no quadro econômico mundial. Nações que ontem eram ricas, empobreceram; nações que ontem eram pobres, se enriquecem, mesmo sem ter condições de consumo.

Temos de atentar para esta nova situação. Se ontem bastávamos apenas produzir, hoje temos a preocupação de produzir mais e melhor e ao tempo procurar defender também a nossa comercialização, porque dela depende o sustento e a remuneração da família do trabalhador brasileiro. Temos hoje diante de nós este novo desafio. Além de produzir temos de comercializar bem os produtos que produzimos. E é por isso que aqui estamos, para dialogar com os senhores, para lhes dizer quais são os estímulos que o governo lhe dá para produzir mais e melhor. Vejam, que desde os primeiros dias de administração do eminente presidente Geisel, ele definiu a agropecuária como ponto fundamental e básico da sua ação de governo. Não tem ele negado os recursos, os estímulos e a ação governamental em benefício da produção brasileira. E assim foi que nesse pequeno espaço de tempo de apenas 14 meses de governo, já podemos vir aqui hoje, de cabeça erguida, para lhes dar informações de diversas medidas fundamentais e básicas que foram colocadas à disposição do produtor brasileiro, para o desenvolvimento da agropecuária. Já está o programa Proagro, que havíamos prometido ao produtor nacional.

Queremos que os senhores ampliem as suas áreas de produção, mas que tenham a tranquilidade, a segurança de um programa de garantia ao crédito rural brasileiro. Lhes custa muito pouco ou quase nada, apenas um por cento a mais no juro e os senhores terão de agora em diante a garantia de 80% do crédito que usarem na produção agropecuária. Peço que não deixem de usar deste instrumento, porque ele não é um instrumento para governo, mas sim um instrumento, para garantias dos produtores. Já está o nosso programa de crédito agrícola. Se em 1974 enfrentou o presidente Geisel nos seus primeiros dias de governo um problema de maior signifi-

cação para o futuro do desenvolvimento brasileiro. O problema da pressão inflacionária provinda da crise econômica mundial. Em 4 meses apenas conseguiu-se a contenção do processo inflacionário. E ainda no final do mês de agosto foi o próprio Presidente quem determinava que para o custeio agrícola e que para os principais investimentos não haveria de haver limites, porque precisávamos de amparar o agricultor brasileiro. E o resultado é que mesmo dentro da expansão de 30% em 1974, a agropecuária teve uma expansão na ordem de 60% dentro do orçamento monetário.

Estamos em 1975, correndo os mesmos riscos inflacionários. Assistindo a nações ricas e desenvolvidas serem corroídas pela inflação. Mas o Brasil deve manter a sua austeridade e confiança no processo econômico e não poderemos ultrapassar os índices inflacionários compatíveis como o desenvolvimento brasileiro. Determinou-se para este ano uma expansão máxima no orçamento monetário, na ordem de apenas 30%. Quero lhes anunciar que já está colocado à disposição do setor agropecuário em 1975 a fabulosa quantia de 91,7 bilhões de cruzeiros novos, para que não falem os recursos indispensáveis à expansão e ao desenvolvimento agrícola. Eu pergunto: qual a nação do mundo que está fazendo com confiança um investimento deste nível na agropecuária? É a confiança do presidente Geisel no processo produtivo brasileiro. E estamos criando os incentivos indispensáveis. Vejam o programa dos preços mínimos, nova e arrojada política que se instaurou no Governo Geisel. Tivemos fé e confiança de romper a época do medo nos preços mínimos para fazermos uma política corajosa de defesa da produção e do produtor nacional.

Eu queria que os senhores observassem, quando ainda em fins de agosto do ano passado, quando meus colegas do Mercado Comum Europeu se reuniram em Bruxelas para decidir se dariam um aumento de 4 ou 5% para garantia do produto agrícola na Europa. Aqui no Brasil, por determinação do presidente Geisel, nós dávamos um aumento médio de 51 pontos, 8% no preço mínimo brasileiro. Tivemos coragem e confiança de dar preços mínimos acima do mercado internacional. E assim o foi na soja, no algodão, na seda, no milho, enfim em diversos produtos que o mercado fraquejava. Queríamos que a agricultura tivesse o amparo governamental, a certeza de que atrás deles estava o preço mínimo para lhe garantir uma remuneração justa. E hoje quando os senhores colhem para alegria nossa a maior safra da história brasileira, está o governo a amparar a comercialização, além de um preço mínimo adequado, com a disposição que veio aqui com toda a força dizer. A disposição de não permitir que o produtor nacional seja manejado pelos efeitos especuladores daqueles que querem aproveitar as condições de uma infra-estrutura ainda débil que temos, Estamos dispostos a lhes garantir a comercialização, como estamos fazendo na carne, como fizemos no algodão, como estamos dispostos a realizar na soja. Queremos que os senhores entendam, que nesta política de preços mínimos e de garantia de produção, além da nova política que inauguramos, a de estoques reguladores, nós estaremos ao seu lado, no sentido de manter uma remuneração justa e adequada ao seu trabalho.

Meus caros agricultores. Já estão os programas especiais, quer seja o programa de armazenamento recentemente lançado pelo presidente Geisel, que vem permitir que os senhores continuem a fazer investimentos como estes estimulados pelo governo, com recursos do governo para garantir, amparar e estocar a sua produção. Vejam o programa de pesquisas onde duplicamos os recursos em 1975. Vejam o nosso programa de assistência técnica hoje difundido, ampliado, divulgado e com a participação inclusiva da iniciativa privada. Vejam os programas de apoio a comercialização. Eu queria aqui que me encontrassem junto a um dos maiores centros cooperativistas do Brasil, fazer uma menção especial a este movimento nacional que tanto temos apoiado. Acreditamos que podemos vencer as pressões que sobre esses agricultores recaem na época da comercialização. Se eles

estiverem suficientemente unidos, coesos, em trono das suas organizações. Estou aqui diante de uma cooperativa exemplar, a COTRIJUI, que vem construindo uma infra-estrutura capaz de receber grande produção. Cooperativa que dá um exemplo ao Brasil pelo que ela realiza, em termos de produção, em termos de infra-estrutura, em termos de agressevidade na comercialização. Sei que isto significa o esforço da sua integração da sua união em torno desta cooperativa, como vem também fazer um apelo para todos os líderes cooperativistas aqui reunidos em torno desta mesa, que mantenhamos o clima de união, de trabalho, para o benefício da evolução do cooperativismo brasileiro. Encontramos aí um instrumento forte capaz, no qual o governo pode depositar a sua esperança, oferecer os seus instrumentos e o seu apoio, porque a cooperativa nada mais é do que o agricultor brasileiro, reunido, unido em torno do mesmo ideal. Aqui especialmente onde se formou uma sólida expressão de união, de trabalho, de fé.

Eu quero pedir que os senhores continuem nesta luta que realizam em benefício do desenvolvimento nacional. É no trabalho, é no suor que os senhores derramam sobre a terra que nós estamos tirando dela a grande riqueza que precisamos. Senhores agricultores, eu quero que os senhores sintam no seu trabalho, na sua dedicação, o verdadeiro esforço do crescimento nacional. Talvez não saibam os senhores o que significa para o Brasil de hoje que vive num mundo conturbado, esta produção que os senhores humildemente, mas corajosamente estão oferecendo ao Brasil. Precisamos da nossa independência econômica. Precisamos equilibrar a nossa balança de pagamentos e não há nenhum setor da economia que possa responder a curto prazo pela riqueza nacional, a não ser a agropecuária. E por isso que aqui venho, para lhes pedir que compreendam a importância do seu trabalho. Esmerem dentro deste seu tempo de ação, porque nele está fatalmente assentada toda a esperança do desenvolvimento brasileiro.

O ano passado estive nesta região fazendo um apelo para que ampliássemos a área de trigo, porque precisamos e almejamos a nossa auto-suficiência.

Venho lhes agradecer a fabulosa safra de 1974, a maior da história brasileira, que permitiu ao Brasil dar um grito de alerta ao mundo pela sua capacidade produtiva. Volto aqui, hoje, para lhes repetir o mesmo apelo em tom patético se necessário, para que ampliem ainda mais a sua área de trigo, porque estamos sentindo chegar o dia da auto-suficiência da produção nacional. Auto-suficiência que está sendo conquistada pelo seu trabalho. Senhores agricultores: quero que os senhores sintam a posição firme do governo ao seu lado. Quando decidi o presidente Geisel que a agricultura haveria de responder nesta fase difícil pela manutenção do desenvolvimento nacional. Sabia ele que precisávamos acionar todo um dispositivo de incentivos ao produtor brasileiro. Quero lhes dizer como o companheiro e amigo, que provenho do setor da produção do meu estado mineiro. Sou produtor como os senhores são. Portanto, quero lhes dizer como principal testemunha, que acompanha o dia a dia do nosso presidente Geisel, que ele não tem negado os recursos ao desenvolvimento da agropecuária brasileira. Quero ser o seu defensor e o principal testemunho daquilo que se realiza, não como homem de governo que eventualmente sou, porque se hoje sou homem de governo, quero ter a tranquilidade de exercer a governança de forma que possa voltar amanhã de cabeça erguida para o meu campo de produção, dizendo que apenas cumpri uma missão.

Quero deixar bem claro, aqui, a disposição do governo de comprar no mínimo um milhão de toneladas de soja para o seu estoque regulador acima dos preços mínimos. E ao mesmo tempo dizer que não falharemos com os senhores em adquirir, se necessário, todo o excedente desta safra, mas não permitir o aviltamento dos preços além daquele que nós garantimos. Este Estado dá um exemplo ao Brasil e o Brasil vem aqui para lhes agradecer. Muito obrigado Rio Grande do Sul”.

dores rurais, ao somarem seus esforços sob a bandeira do cooperativismo para a implantação do Terminal do Rio Grande, deram um salutar exemplo ao Brasil. E um exemplo que hoje, pode se dizer, situa-se dentro das obras mais arrojadas de maior tecnologia em todo o mundo. A entrada em funcionamento do Terminal COTRIJUI — hoje é um fato notório, Senhor Ministro — colocou o Brasil no rol dos países exportadores que recebem prêmio a título de “dispatch”. Esse prêmio, como bem sabe V. Excia. é um estímulo pago pelas empresas armadoras aos portos embarcadores, pela prestação e rapidez dos carregamentos de navios. E a COTRIJUI, graças a plena capacidade de carga, cuja dinâmica alcança 2.000 toneladas por hora, já carregou, para repasse às diversas cooperativas e empresas que exportam através de seu Terminal, soma superior a dois milhões de dólares a exclusivo título de “dispatch”.

Achamos, Senhor Ministro, que o que V. Excia. assiste aqui é uma festa. Porém, uma festa de demonstração de trabalho, de organização e de realização. E mais do que palavras, a presença magnífica desses homens que hoje, sabendo da vida de V. Excia. e sua comitiva ilustre, apesar da época da colheita da soja, não exitaram em abandonar por um momento as suas lavouras, as suas plantações para virem aqui trazer a sua presença estimuladora de confiança em quem participa da direção dos destinos da Pátria.

Mas se de um lado, Senhor Ministro, exultamos com esta festa de trabalho e de demonstração de fé nos homens que trabalham a terra, em suas lideranças cooperativistas e nas autoridades, também devemos, num ato de reflexão, lembrar que temos árduas lutas pela frente; que há preocupações e talvez até vicissitudes a serem enfrentadas com ardor e desejo de vencer.

Ai está como questão de real expressão a desafiar nossa capacidade de luta e gosto pela vitória, a problemática dos preços da soja no mercado internacional, ainda sem definição, mas com persistência de baixa, o que nos preocupa seriamente, visto termos um período específico de venda para a nossa soja, antes que comece a comercialização da soja norte-americana, que como sabe V. Excia., é a maior do mundo. Outros problemas nos preocupam na árdua tarefa de produzir e de colocar os produtos colhidos numa sociedade de iniciativa liberal e livre.

Estes problemas todos, temos enfrentado, podemos dizer diuturnamente, sem esmorecimentos. E os enfrentamos e os temos vencido com espírito de luta, planejamento organizacio-

nal e acentuado despreendimento de realização. E para isso, para as vitórias que temos conquistado, fazemos questões de declarar nesta oportunidade, temos contado com o apoio de autoridades setoriais.

No caso de V. Excia. Senhor Ministro, que jovem não só na idade, mas jovem mais do que tudo no espírito, com a capacidade de trabalho que serve de exemplo à Nação, tem nos inspirado na luta que desenvolvemos em nossa área de ação.

Há uma semana, quem viu o estágio das obras deste armazém, não podia admitir que hoje estivéssemos recebendo produto da safra. No entanto, logo após o encerramento desta festa em que a COTRIJUI e a municipalidade de Augusto Pestana prestam a V. Excia., estaremos depositando aqui dentro o fruto dadivoso da riqueza dos campos próximos, que neste recinto, como se caísse do céu, simboliza no esforço coletivo do movimento cooperativista, as mãos somadas da força de trabalho brasileira.

Portanto, Senhor Ministro leve daqui nunca a nossa dúvida. Mas leve daqui a nossa certeza de vitória na realização de nosso ideal de vitória que a conquistaremos integralmente com o apoio nunca negado do quadro social da grande família COTRIJUI e também com a participação e inspiração dos setores de Governo, que a cada dia que passa mais prestigia e engrandece o movimento. No caso particular de V. Excia., fazemos questão de testemunhar pessoalmente que as inúmeras vezes que fomos a Brasília, recebemos a sua atenção e orientação no sentido de encurtamento dos caminhos para a solução de nossos problemas.

Por todos esses fatores, achamos que a auto-suficiência do trigo não é um sonho; mas uma realidade. E essa realidade, cujo prenúncio pode ser visto estampado nas faces desses homens trabalhadores e de seus filhos, deverá ser conquistada ainda a curto prazo. Na linha de realização da doutrina cooperativista, está a filosofia do trabalho gerador de riquezas; a mais nobre das riquezas, a que tem origem no solo generoso da Pátria, que é a agricultura.

Portanto, Senhor Ministro sr. Vice-Governador, Senhor Secretário da Agricultura, meus prezados companheiros presidentes de sindicatos desta região. Vejam que esse esforço que vimos realizando, passa a cada dia a produzir mais benefícios individuais e a somar maiores riquezas coletivas. E graças a comunhão de ideais entre aqueles que eventualmente dirigem a cooperativa e o quadro social da COTRIJUI. Era o que tinha a dizer. Nosso muito obrigado a V. Excia.

A PREVISÃO IMPOSSÍVEL DO COMÉRCIO DA SOJA

Colhida a maior safra de soja da nossa história, cooperativas, firmas exportadoras e o próprio Governo, vivem a incógnita do preço para o produto, cuja tendência tem persistido para a baixa. A pergunta mais insistente que se ouve é: a soja sobe de preço ou baixa ainda mais? A resposta a esta pergunta, fiquem certos, ninguém a tem. Mas se alguém a tiver, conforme diz Affonso Ritter, edi-

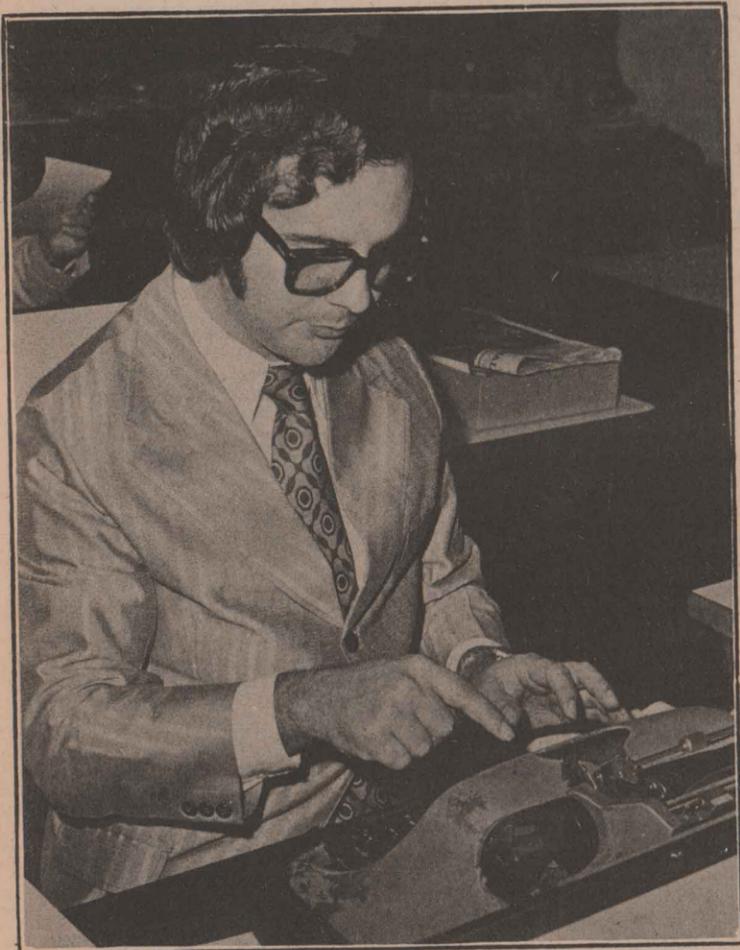
tor de economia de "Zero Hora", ele a guardará para si e obterá altos dividendos.

Focalizamos nestas páginas pontos-de-vista de três abalizados editores econômicos de jornais porto-alegrenses, que mantêm editorias no setor. São os jornalistas ISNAR CAMARGO RUAS (Correio do Povo); AFFONSO RITTER (Zero Hora) e WALTER TODT (jornal do Comércio).

Analistas de mercado, eles vivem o dia-a-dia da informação para seus respectivos jornais, ouvindo autoridades vinculadas à economia e setores fazendários, exportadores, produtores, transportadores. São o somatório dessas informações transmitidas por aqueles que as manipulam diariamente, que pretendemos levar aos leitores do COTRIJORNAL neste momento de total incerteza no mercado da soja.

UM PLANO PARA A SOJA

De Walter Todt
(JORNAL DO COMÉRCIO)



Uma análise preliminar das distorções que a cada safra voltam a tumultuar o conturbado processo de comercialização da soja, parece indicar, com alguma nitidez, a necessidade de uma presença mais efetiva do governo federal no setor, estabelecendo mecanismos de ação que conduzam ao indispensável fortalecimento da atividade. Aparentemente, a conclusão a que se chega é a de que, apesar dos inegáveis riscos que a intervenção oficial implica em termos de acirramento da hoje notória tendência à estatização da economia, a ação governamental mais direta se impõe dada, em primeiro lugar, a fragilidade da posição dos produtos brasileiros no confronto com os interesses em jogo no mercado internacional da soja, apesar do avanço, na estratégia setorial, obti-

do pelas cooperativas. A par da justificativa representada pela debilidade de nossa posição, a ação mais vigorosa do poder público é necessária tendo em vista a extrema repercussão da soja a nível de produção primária e secundária, além de sua significação em outras frentes, como o abastecimento interno de derivados para consumo humano e animal e, ainda, o ingresso de divisas proporcionado pela exportação de excedentes.

O que parece ser indispensável é uma urgente tomada de posição das autoridades no sentido de definir um firme planejamento para a soja, abrangendo desde a produção até a comercialização interna e externa. E a tônica de tal plano deverá ser a participação efetiva e direta do governo na busca

de alternativas que levem a curto e médio prazo, à viabilização de soluções concretas para a problemática da soja, nos diferentes estágios do processo.

O planejamento que a soja requer, segundo entendemos deve começar pela fase de produção, onde se impõe o estabelecimento de maior racionalidade na exploração da cultura. Um dos aspectos mais importantes a serem atacados é o de limitar a produção da soja às regiões em que as condições naturais sejam favoráveis, fixando-se rígidos critérios de liberação dos financiamentos em função dos níveis de produtividade obtidos. Com isto, além de se evitar a "aventura da soja", se estará conferindo ao produto um mais alto poder de competição, impossível de ser obtido em explorações processadas em áreas inadequadas, permitindo que a soja chegue ao consumidor, sob a forma de óleo, margarina e outros derivados, a custos mais acessíveis. Igualmente, tal estratégia minimizará os efeitos atualmente observados da tendência de concentração da produção no binômio trigo/soja, o que além de tornar a economia excessivamente dependente das referidas culturas, ainda ocasiona a substituição de produtos tradicionais como o milho, e desestimula inclusive a exploração pecuária, especialmente em termos de bovinocultura e suinocultura.

Paralelamente à racionalização da cultura a nível de produção, o governo deve buscar o estabelecimento de um processo de comercialização que tenha como característica básica, sua menor dependência aos eventuais efeitos de manipulação internacionais quanto à cotação da soja, como vem ocorrendo. Um dos aspectos que deverá ser visado com prioridade, é o da intensificação do estímulo ao consumo interno da soja. Tendo como pano de fundo a política oficial de promover a mais efetiva distribuição da renda, para a criação de um mercado inter-

no sólido, também a soja poderá ter sua expansão sustentada especialmente sobre tal infraestrutura, reduzindo-se, conseqüentemente, o grau de vulnerabilidade do setor às pressões e oscilações de um mercado externo ainda convalescente da recessão da economia mundial.

O maior consumo interno de derivados de soja — abrangendo desde o óleo refinado até estágios mais avançados do processamento do grão, como a proteína isolada, além de garantir um mercado menos vulnerável a manipulação de grupos externos, ainda constitui política de justiça social, na medida em que venha a reduzir os alarmantes índices de subnutrição de faixas ponderáveis da população brasileira. Juntamente com o consumo humano direto, o fortalecimento do mercado interno para a soja deve ser complementado com uma ênfase maior ao aproveitamento de subprodutos na alimentação animal e na elaboração de itens não comestíveis, que podem ser obtidos a partir da leguminosa.

Finalmente, a comercialização externa da soja parece que deve ser totalmente revista pelo governo brasileiro, com a paralela definição de uma estratégia de ação adaptada às nossas condições de pequenos/grandes produtores e, especialmente, à atual conjuntura econômica mundial. A análise do problema representado pela ação das multinacionais, no caso da soja, parece se constituir, cada vez mais em uma verdadeira caça a fantasmas. Muito mais prático e objetivo do que delimitar a extensão dos prejuízos causados pelas multinacionais, é a criação de mecanismos próprios de combate, enfeixando o governo, num grau bem mais acentuado do que tem sido feito até aqui, o poder de negociações do produto.

Uma das saídas mais convenientes, segundo entendemos, é a de ser buscada, no caso da soja, uma prática de negociação baseada na troca do produto (matéria-prima e derivados) por itens importantes de nossa pauta de importações. Desta forma, o governo estaria em condições de fazer valer seu respeitável poder de barganha, condicionando a importação de matérias primas (como o petróleo, por exemplo) e bens de capital, a uma reciprocidade representada pela compra de nossa soja, em operações diretas de governo a governo.

Evidentemente, este tipo de estratégia não significaria um recuo nos esforços de maior agilidade de comercialização como aqueles desenvolvidos pelas cooperativas, através de uma presença mais efetiva nos centros de decisão do exterior, com a sofisticação dos mecanismos de informação.

Complementando a política setorial, torna-se evidente a necessidade de execução de um vigoroso programa de implantação e expansão de infraestrutura nacional para a estocagem da soja, (grãos e derivados) o que, igualmente, servirá de suporte para a luta em defesa da soja brasileira.



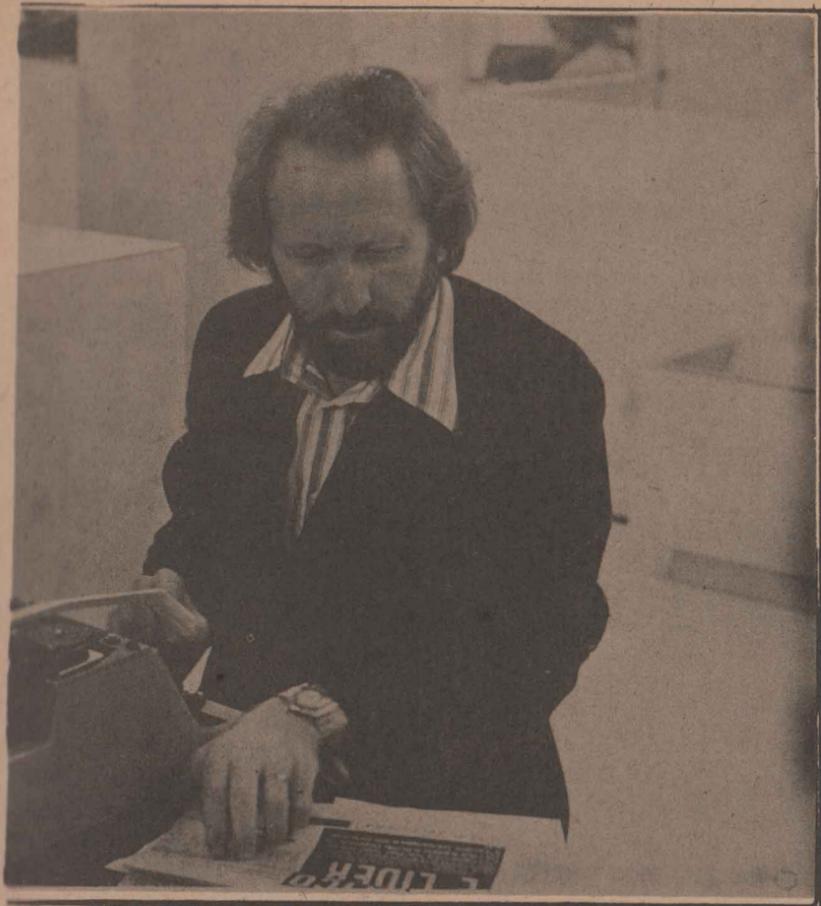
NECESSIDADE

De Affonso Ritter
(ZERO HORA)

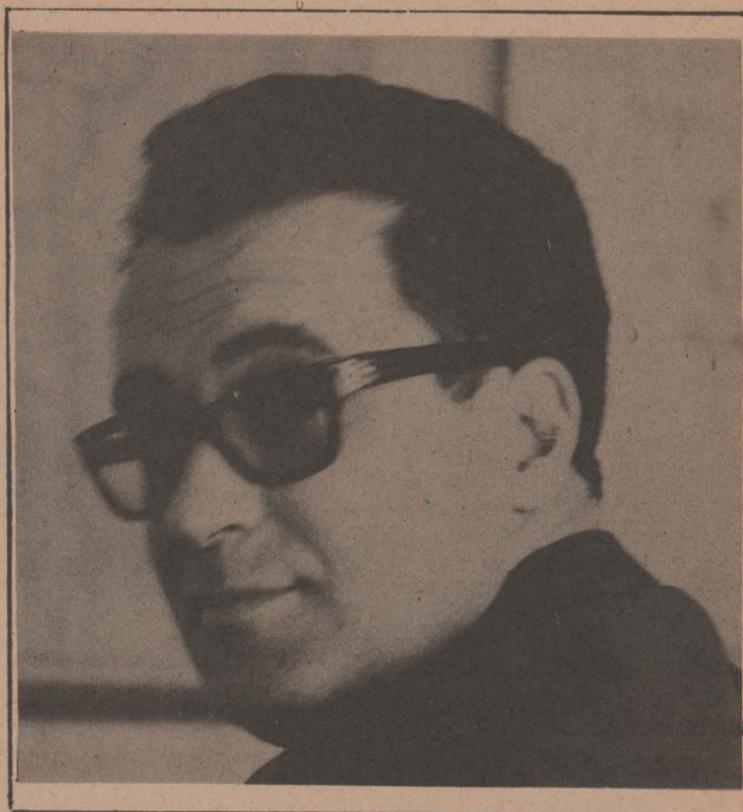
1) Quais são as perspectivas de uma reação nos preços da soja para este ano no mercado internacional?

—Esta é uma questão que todos os produtores, exportadores, Governo e a própria economia gaúcha e brasileira gostariam de ver respondida. Se alguém tem a resposta, dificilmente a vai dividir com outros. Ele a guardará para si. Será talvez a chance de fazer de uma vez para sempre e rapidamente o seu pé-de-meia. Se em outros assuntos, o jornalista tem o privilégio profissional de poder tirar uma média nas informações, que capta e veicula, acrescentando-lhe uma nova qualidade, mais próxima da verdade, isso se torna particularmente difícil, quando se trata de prever tendências de preços, especialmente em produtos e papéis, cuja cotação depende do livre jogo ("talvez não tão livre") de negócios da Bolsa. Aí, quem manda é a oferta e a procura. Se a procura é maior que a oferta, os preços tendem a subir. Caso contrário, tendem a baixar. O raciocínio é simples, simplista até.

E no caso da soja, como está a situação? Há mais procura, ou há mais oferta? No jogo diário da Bolsa (de Chicago aqui), a decisão depende dos operadores e das ordens de compra e venda que recebem. Difícil de prever. Às vezes, um pequeno incidente pode alterar o movimento e criar reações imprevisíveis, como aconteceu recentemente, quando os americanos capturaram um navio seu, preso pelos cambodianos (os importadores europeus chegaram a oferecer até 10 dólares a mais



a da criação de adidos agrícolas nas diferentes embaixadas brasileiras no Exterior, feita já por diversas vezes pelo presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, com vistas à montagem de um sistema cada vez mais aperfeiçoado de informações sobre produção, estoques, mercados e preços dos produtos vendidos pelo Brasil. Não temos o direito de criticar manipulação estatística de mercado feita pelos Estados Unidos e outros países, se não montarmos nós mesmos um sistema completo, atualizado, e ágil de informações. Este será o primeiro passo para deixarmos de ser cada vez menos apenas embarcadores de mercadorias, como disse, recentemente, o diretor da Cacex, Benedito Moreira, para nos tornarmos efetivamente exportadores.



DE DE INFORMAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO, O PROBLEMA DA SOJA

por tonelada para a soja brasileira), ou quando depois uma missão russa foi a Chicago e se esperava que iriam comprar grandes quantidades de cereais.

Resta então pensar em termos de médio prazo. Aí parece importante ter em conta que os Estados Unidos estão com razoáveis estoques acumulados de soja. Segundo o Departamento de Agricultura (serão verdadeiros os seus números? mas são os únicos existentes. . .), em 31 de agosto próximo, eles chegarão a aproximadamente 5 milhões de toneladas métricas, ou seja, a metade de toda a safra brasileira deste ano. E isso depois da frustração parcial da safra americana, o que os torna significativos, pois representam cerca de três vezes mais do que os verificados em 31 de agosto de 1974 (cerca de 1,5 milhão de toneladas apenas) e quase três vezes também os de 31 de agosto de 1973 (cerca de dois milhões de toneladas). Pelos estoques existentes, dificilmente, portanto, poderá haver uma reação mais forte nos preços este ano, diferentemente, do que aconteceu no ano passado ou no ano retrasado. Mas, como num mercado que é manipulado exaustivamente pelas empresas multinacionais, em favor de seus interesses e dos países capitalistas que servem, tudo é possível e nada pode ser afirmado taxativamente. Além disso, não se conhecem também as intenções de compra dos países socialistas (feitas geralmente em grandes volumes pelos próprios Governos, através de empresas estatais) e eventuais frustrações por efeitos de climas adversos na safra norte-americana, que podem alterar significativamente o panorama.

2) O que acha da sugestão de se

criarem imediatamente adidos agrícolas nas embaixadas brasileiras, para anular a manipulação estatística de Governos e empresas multinacionais?

—Gente importante e conhecedora da engrenagem mundial de comercialização tem questionado o fato de serem as cotações da soja e de outros cereais fixadas pelo jogo de negócios da Bolsa (de Chicago). É um dado que não deve ser descartado de saída, mesmo porque todos nós sabemos que a estrutura de comercialização internacional é profundamente injusta. Existem já numerosos documentos da Igreja Católica Romana, denunciando esta situação, que tem provocado, no decorrer dos anos, "uma violenta deterioração dos termos de troca": os países chamados desenvolvidos pagando cada vez menos pela matéria-prima, largamente produzida pelos subdesenvolvidos, e cobrando cada vez mais pelos manufaturados e sobretudo pela tecnologia, produzida por eles.

Mas a verdade é que hoje, tanto compradores como vendedores, aceitam as Bolsas como reguladoras de mercado, em termos de cotações. Mesmo o convênio a ser assinado entre a Bantrade (trading company do Banco do Estado e do Banco Sul Brasileiro) com uma firma multinacional (Dreyfus), que está implantando uma indústria em Bordéus, na França, para a compra anual de 300 a 500 mil toneladas de soja em grão do RGS, deverá estabelecer, segundo revelou o secretário estadual da Fazenda, professor Jorge Babot Miranda, como critério de preço a cotação da Bolsa de Chicago.

Uma sugestão mais viável, imediatamente, é, sem dúvida,

O estabelecimento de um esquema eficaz de comercialização da soja, parece ser, no momento atual, um dos pontos cruciais da situação gaúcha com relação a um dos seus principais produtos geradores de riqueza. Este também maior agilização no sistema oficial de financiamentos, para que não ocorra o fato de indústrias produtoras de corretivos de solos, por exemplo, praticamente financiarem a produção das lavouras. Voltando ao primeiro ponto, pode-se inferir que existem condições no país de montar um sistema de informações capaz de equilibrar, de maneira positiva, as condições do comércio mundial da soja brasileira.

Talvez, esteja faltando decisões sobre o melhor caminho a seguir, entre as chances que oferecem os escritórios comerciais do Itamarati no exterior, a rede de agências do Banco do Brasil, a COBEC, ou então partir para uma nova solução, criando setores de informações junto a Bolsa de Chicago e, em Bruxelas no Mercado Comum Europeu. Neste último caso, com uma participação em igual valor da iniciativa privada e de setores oficiais. Porém, a decisão tem uma urgência total, face aos resultados obtidos agora com a agricultura. É claro que não se pode ignorar o esforço que vem sendo feito neste sentido. Mas a decisão final sobre o melhor meio de co-

mercializar a soja, ainda não veio.

Um outro dado que deve ser levado em consideração, para efeito de análise do esforço de produção do setor no RGS, é o de que a agricultura gaúcha está apresentando uma tendência de descapitalização. Isto porque, com o objetivo de proporcionar um crescimento global à economia de 10%, foi exigida uma posição de todos os setores que excedeu os limites toleráveis: o capital foi encarecido, e o campo se ressentiu disso, sob a forma de aumento dos juros, aumento dos preços dos implementos agrícolas e particularmente, dos fertilizantes. Pode-se dizer que o aumento de preços gerado na indústria, foi transmitido para o campo. Participando da economia mundial, o RGS sentiu os reflexos da alta do petróleo. O setor de fertilizantes apresentou os primeiros sintomas, com transmissão direta para o campo. Por isso, quem está na cidade deve procurar compreender os motivos determinantes do pedido do agricultor, que deseja para seu trabalho o reconhecimento, sob a forma de lucro razoável.

Então, voltando ao início: depois de enfrentar uma elevação inusitada no preço dos insumos básicos, de plantar esperando que as condições de tempo não sejam adversas, o produtor ainda se angustia com o problema da comercialização.

I.C. Ruas
(CORREIO DO POVO)

E as condições para o Brasil tirar bom proveito da situação internacional, existem: a crise no sistema monetário internacional, as consequências psicológicas do fantasma da fome, o medo, constando pela primeira vez desde a década de 30, de que o mundo páre, dão maiores possibilidades de barganha a quem tem alimentos para negociar. Levando em consideração que a alta dos preços do petróleo gerou um desequilíbrio na balança comercial de quase todo o mundo capitalista, um sistema de informações eficiente pode dar aos brasileiros uma nova visão no mundo internacional dos negócios. O problema maior, me parece, é a escolha de qual o melhor caminho a seguir: aproveita-se a estrutura existente oficial, ou cria-se uma nova entidade? Porém, a decisão deve ser tomada agora e já com atraso.

JUROS CONDEPE

O Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (Condepe) está estudando a possibilidade de reduzir as taxas de juros cobradas nos financiamentos que concede aos pecuaristas, de forma a equipará-las às incidentes nos demais empréstimos. Atualmente os pecuaristas chegam a pagar até 28% ao ano de juros e correções que incidem sobre os empréstimos.

DIRIGENTES DA RFFSA VISITARAM A REGIÃO



O superintendente da Rede Ferroviária Federal S.A., eng. Bento José de Lima e o diretor de tráfego, eng. Luiz Treiguer, acompanhados de assessores, estiveram na região, tendo se demorado em visita a COTRIJUI. O objetivo da vinda dos dirigentes da RFFSA no Rio Grande do Sul, foi observar o estágio da atual safra de soja na região, tendo em vista a preocupação da empresa

ferroviária em oferecer o maior número possível de vagões à COTRIJUI, para o transporte da maior safra de soja já colhida, que precisa ser deslocada para outros pontos do Estado, principalmente para o porto de Rio Grande. Na foto os visitantes, quando recebidos pelo vice-presidente Arnaldo O. Drews e diretores, posaram para a reportagem do COTRIJORNAL, nas unidades de armazém.

TÉCNICOS PARAGUAIOS EM VISITA A COTRIJUI

Um grupo de engenheiros agrônomos do Paraguai, funcionários técnicos do Banco Nacional de Fomento (BNF); estiveram em visita a COTRIJUI no dia 24 de maio último. Os técnicos do país amigo vieram acompanhados pelo eng. agr. Ciro Lucas Cabreira, da AGIPLAN, Ministério da Agricultura, sediado em Porto Alegre. Sua preocupação era observar o desenvolvimento da cooperativa e colher subsídios para uma possível aplicação de crédito agrícola no setor, através do banco a que pertencem, para agricultores paraguaios.

A missão de paraguaios, que foi recebida pelo diretor

vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews e diretor-técnico, Nedy Rodrigues Borges, era constituída pelos seguintes técnicos: eng. agrs. Alfredo R. Avalos, Sérgio A. Valdes, Juan H. Oreggione, Hugo Sanchez, Eleutério Rivela e Hector Gill Orvé e o médico veterinário Ignácio J. Miranda.

Eles estiveram vários dias no Rio Grande do Sul, tendo visitado vários municípios da região produtora de trigo e soja e procuraram observar a aplicação do crédito à agricultura e a pecuária, com vistas ao aumento da produtividade no seu país. De Ijuí, regressaram a Porto Alegre, de onde iniciaram a viagem de regresso ao Paraguai.

ASSOCIAÇÃO SULINA DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL ASCAR

"Nesta data de 2 de junho, em que a ASCAR completa 20 anos de existência e de permanente atuação no meio rural gaúcho, servindo ao produtor rural e propugnando por uma maior e melhor produção agro-pastoril e, ainda, pelo soerguimento das condições de vida de todos aqueles que labutam nos campos, queremos renovar nossos propósitos, sempre presentes, de continuar a bem servir a causa que abraçamos e de tudo fazer, no que estiver ao nosso alcance, para atingir os nobres objetivos expressos nas diretrizes da política governamental, que tem por fim levar o bem estar e o progresso a todos os recantos de nossa Pátria.

Agradecemos às autoridades em geral, às instituições públicas e privadas e a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que esta entidade pudesse levar a bom termo suas atividades e bem servir ao nosso produtor e a nossa terra".

Eng.º Agr.º Renato Albano Petersen
Secretário Executivo

CARTAS

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

Registramos as seguintes cartas recebidas pela redação:

INSETICIDAS BIOLÓGICOS

Lí com muito interesse a nota publicada no jornal "Correio do Povo", desta capital, a respeito de artigos no COTRIJORNAL de autoria do eng. agr. Sérgio Damiani e téc. agr. Edegar Siqueira, versando sobre inseticidas biológicos.

Meu interesse pelo assunto é grande, uma vez que sou presidente da Associação Catarinense de Preservação da Natureza (ACAPRENA), formado em História Natural em Blumenau e encontro-me no momento fazendo o curso de especialização em Ecologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Solicitaria, portanto, a especial fineza de me enviar o último número do COTRIJORNAL ou duas cópias dos referidos artigos ou ainda onde poderei conseguir exemplares deste jornal aqui em Porto Alegre. Esclareço que um exemplar é para mim e o outro é para enviar a Blumenau, para a ACAPRENA.

Antecipo meus agradecimentos pela atenção a este meu pedido, ao mesmo tempo em que louvo os seus méritos em divulgar tão importante método de controle de pragas agrícolas. Cordialmente. Lauro Eduardo Bacca — Av. Oswaldo Aranha, 824 — apt. 122 — Porto Alegre.

VEÍCULO DA COMUNICAÇÃO COOPERATIVISTA BRASILEIRA

Antes de mais nada tenho o prazer de comunicar-lhes a instalação da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do BNCC, onde estou a disposição do COTRIJORNAL e da COTRIJUI.

A nossa Instituição passa por feliz fase de reestruturação, com nova sistemática operacional, novos métodos, apoio e incentivo das atividades federais. Espera-se, com a Assessoria de Imprensa, projetar uma imagem do BNCC condizente com os serviços que ele espera e pretende prestar às cooperativas brasileiras.

Desejo receber o COTRIJORNAL, excelente pu-

blicação, de alto nível, com regularidade. Ficar-lhes-ei grato por essa gentileza. O COTRIJORNAL é veículo dos mais importantes no sistema de comunicação do cooperativismo brasileiro, graças a sua seriedade, matéria informativa e doutrinária e ainda qualidade técnica. Atenciosamente. Danilo Gomes, Assessor de Imprensa e Relações Públicas do BNCC — Brasília, Distrito Federal.

BIÊNIO DA IMIGRAÇÃO

Sr. Raul Quevedo, redator do COTRIJORNAL. Lembrando os heróis anônimos que, com suor e mãos calejadas levaram a nossa terra pelo caminho seguro do progresso, estaremos promovendo em nosso município, de 24 de maio a 1º de junho, os festejos alusivos ao Centenário da Imigração Italiana, em Veranópolis.

Contaremos com sua honrosa presença em todas as significativas promoções, especialmente na inauguração do busto do saudoso escritor e poeta Mansueto Bernardi, conforme programa anexo. Atenciosamente. Lírio Soares, prefeito municipal de Veranópolis; Paulo Ernesto Valduga, presidente da Comissão do Centenário.

COOPERATIVA ALFA, DE CHAPECÓ

Prezado senhor redator do COTRIJORNAL. Estamos enviando para o senhor matéria acerca de nossa cooperativa, referentes a incorporação e a assembléia de prestação de contas do exercício findo.

Certos de contarmos com o COTRIJORNAL para a divulgação de nossa cooperativa, desde já agradecemos e aproveitamos o ensejo para enviar nossas cordiais saudações cooperativistas. Moises Pollak, Assessor Técnico. Cooperativa Alfa, Chapeco, Santa Catarina.

JORNAL DE INTERESSE PÚBLICO

Hoje, tive finalmente o prazer de receber, a mim endereçado, o COTRIJORNAL, que tanto aprecio. Renovo, a cada dia que passa, minha admiração por esse importantíssimo órgão da imprensa riograndense.

Com matéria variada interessante, leitura obrigatória, apresentação cuidadosa e textos extraordinariamente criteriosos, pode se dizer que

o COTRIJORNAL é de interesse público. Atenciosamente. Sara Corrogosky, Bibliotecária do D.N.O.S., Divisão do Rio Grande do Sul.

GOSTEI DA BRIGA DE GALO

Recebi o COTRIJORNAL, como sempre muito bem feito. Gostei da briga de galo! E... que pena. Quando o seu jornal chegou, 6ª feira eu já havia mandado para a Folha da Tarde (de São Paulo) a matéria sobre Simões Lopes. Quando a matéria vai para as oficinas, não pode voltar mais. A Folha da Tarde apronta as seções fixas com uma semana de antecedência.

No fim deste mês, (maio), tudo indica, deverá sair a primeira das 10 séries sobre folclore nacional em diapositivos. O lançamento será avisado ao COTRIJORNAL.

Lastimo não poder estar presente no encontro sobre museus, em Bagé. Eu teria muito interesse. Ah! Quando é o aniversário do COTRIJORNAL? São Paulo, 13 de maio de 1975. Laura Della Mônica. Secretaria de Educação e Cultura.

SINDICATO RURAL DE SANTA MARIA

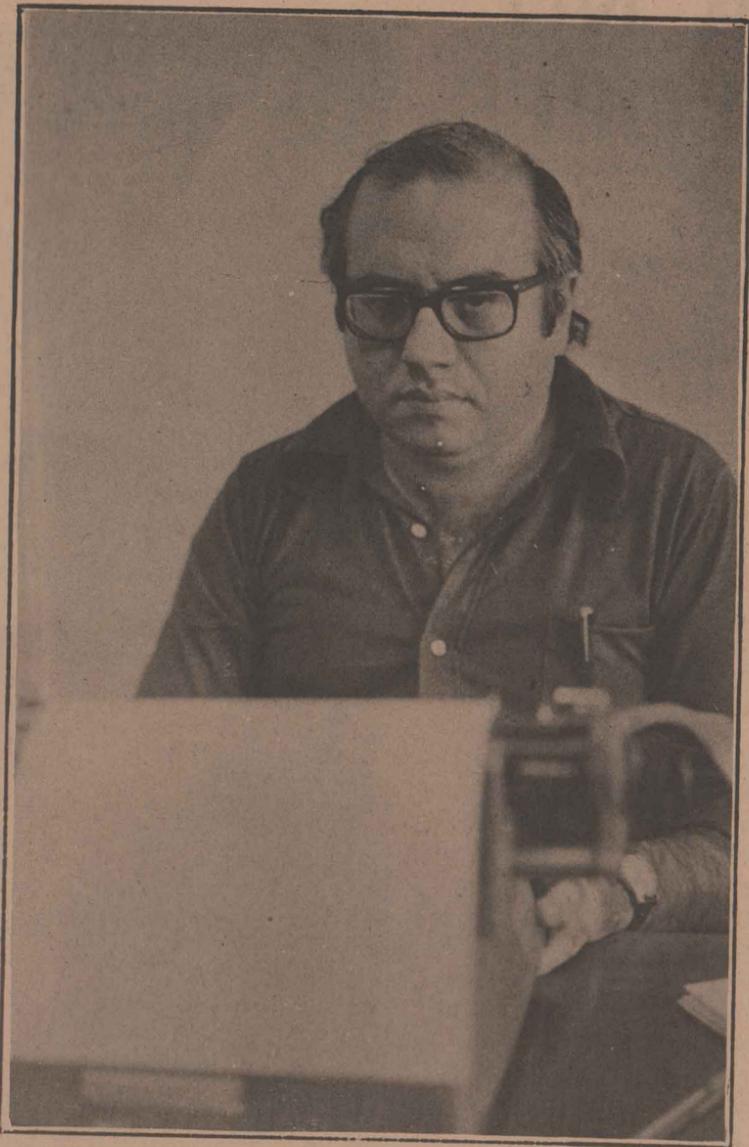
"Gostariamos de receber um maior número de exemplares, para distribuição entre os principais líderes rurais vinculados ao nosso sindicato. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria, rua Tuiuti, 2.014. S. Maria.

JACK RUBENS PELOTAS

Renovando cumprimentos pelo magnífico jornal que estão fazendo, coloco-me às ordens dos colegas. Jack Rubens — rua General Netto, 1.240 — Pelotas.

EXCELENTE O COTRIJORNAL

Por indicação do sr. Fernando S. Lopes, um de nossos coordenadores, solicitamos que Vv. Ss. nos remetam mensalmente um exemplar do COTRIJORNAL, que já possui grande penetração nos nossos meios rurais. Para remessa, queiram usar a caixa postal, 293, Assis, São Paulo. Coordenadoria Central de Cooperativas S/C. Ltda.



O CIENTISTA LOUCO

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

N. da R. — A partir desta edição, estamos contando com a participação permanente de Luís Fernando Veríssimo, já consagrado cronista, filho de Érico Veríssimo. Jornalista dos quadros de Zero Hora por volta de 1970, com a saída de Sérgio Jockymann para a Caldas Júnior (posteriormente Luís Fernando também se transferiria para esta empresa), foi indicado para substituí-lo. A partir daí, não parou de escrever crônicas. Trabalha atualmente na Folha da Manhã, onde assina crônica diária e na MPM Propaganda, na função de redator.

O COTRIJORNAL, cuja preocupação é ultrapassar os limites de um bom jornalismo agroecônômico para alcançar a superior comunicação, em todos os níveis, sente-se orgulhoso em poder oferecer a seus leitores, mais essa conquista. O Cientista Louco é a crônica de estréia de Veríssimo, nesta folha.

O Cientista estava obviamente orgulhoso do seu feito.

— Tudo nesta casa é de soja.

— Tudo?!

— Tudo. Desafio os senhores a descobrir em qualquer coisa, um único objeto nesta casa que não seja feito de soja.

— As paredes...

— Soja. Um processo que descobri. Transforma o farelo da soja em células de grande resistência. As células são aglomeradas em placas resistentes e à prova de fogo. Experimentem. Podem chutar as paredes, tentar prender fogo...

Mas os jornalistas se limitam a olhar, admirados.

— Esta mesa aqui... Massa de soja moldada e endurecida.

As cadeiras também. Este vaso, cristal de soja.

— E essa planta no vaso?

— Planta da soja.

A comitiva percorre toda a casa. O banheiro (aparelhos de soja vitrificada, papel higiênico de soja, sabonete de soja), os quartos (lençóis e fronhas feitos com um linho extraído da fibra da folha da soja), o jardim (o gramado artificial de soja), etc. "É um gênio" comentam, baixinho, os jornalistas.

Terminada a visita à casa, todos se reúnem na sala de jantar (tapete de fibra de planta de soja, quadros pintados com tintas a óleo de soja) para um banquete. O cientista anuncia:

— Prestem atenção, senhores. Tudo o que vão comer, desde o aperitivo até o licor e os charutos também, por sinal — será feito de soja. É um jantar delicioso. Salada, bifés, pures, soufflés. Para beber, há uma escolha: suco de soja ou vinho.

— Mas este vinho... — exclama, admirado, um dos visitantes.

— Não pode ser...

— Mas é — diz o Cientista, com um sorriso superior. — safra de soja de 85. Um bom ano. Eu mesmo fiz o vinho.

— Espantoso!

Quando estão todos saboreando seus charutos de folha de soja ressequida junto com o licor digestivo de soja e comentando a qualidade da comida, um dos jornalistas ergue-se para fazer um discurso. Começa elogiando a hospitalidade do Cientista, agradecendo o convite para visitar a sua mansão, "este verdadeiro triunfo da Ciência, este hino à engenhosidade humana", e termina propondo "um brinde a este homem incomum que certamente libertará a Humanidade para sempre da tirania do petróleo, pois ninguém duvida que as limosines que nos transportaram até aqui eram movidas por algum combustível extraído da soja e..."

Mas o orador não chega a completar o seu brinde. Diante da estupefação geral, o anfitrião pula da sua cadeira com um berro e, aos pontapés, começa a expulsar os jornalistas de suas cadeiras, da sala de jantar, e finalmente, porta a fora, para a rua. Confusos e apavorados, os jornalistas se reúnem na frente da casa, da qual emergem ruídos de demolição e gritos de fúria. Um dos choferes do Cientista se aproxima do grupo.

— Vocês falaram em gasolina, não foi?

— Foi, mas...

— Sempre pega mal quando alguém fala em petróleo. Ele perde a cabeça. Fica fora de si durante dias. Vocês tiveram sorte. Da última vez ele quebrou a cabeça de três ou quatro...

— Mas por que?...

— É que há 20 anos ele vem tentando extrair um substituto para o petróleo da soja, entende? Das suas experiências ele consegue de tudo — material de construção, cristal, grama artificial, carne, vinho, tudo — menos o que ele quer de verdade, entende? Quer dizer, é uma frustração. A casa é feita com tudo que não deu certo...

De dentro da casa ouvem-se ainda os sons da frustração.

Os jornalistas se entreolham e, lentamente, começam a se afastar, ainda confusos, pisando em lajotas feitas com cimento de soja.

VERANOPOLIS HOMENAGEOU MENSUETO BERNARDI

Em solenidade a 31 de maio, dentro das festividades alusivas ao Centenário da Imigração Italiana no município, Veranópolis homenageou com uma herma em praça pública, seu mais ilustre filho adotivo: o escritor e poeta Mansueto Bernardi. Fruto da iniciativa associada, povo e autoridades uniram-se para a homenagem, que vem satisfazer um antigo sonho da viúva do escritor Idalina Mariante Costa Bernardi, que era ver a construção do busto.

Mansueto Bernardi, falecido a 9 de setembro de 1956, deixou obra vasta e variada, indo da prosa ao verso, com incursões pelos difíceis caminhos da sociologia urbana e da conferência acadêmica. Sua obra mais conhecida no entanto, está na poesia, despontando Terra Convalescente, Exaltação e a Vida e os versos de Alceu Wamosy.

Nascido na Itália, na província de Treviso, em 1888, Mansueto chegou ao Brasil com três anos de idade. Eram seus pais os agricultores Giovanni Bernardi e Maria Luiza Dal Pai Bernardi. Por falta de escolas em Veranópolis, na época Colônia de Alfredo Chaves, Mansueto somente foi alfabetizar-se com a idade de 12 anos. Em 1900 matriculou-se na Escola Pública Elementar, regida pelo profes-

sor e historiador Eduardo Duarte. Concluídos os estudos elementares, seguiu para Montenegro, onde frequentou o Colégio Distrital, equivalente à Escola Normal, preparando-se para o magistério. Em 1905, mediante concurso, ingressou no magistério público estadual, sendo nomeado para dirigir a Escola Municipal de Lagoa Vermelha. Dois anos depois, de volta a Alfredo Chaves, dirigiu a Escola Pública de Lajeado.

Também mediante concurso, em 1909 alcançou o primeiro lugar com distinção para o cargo de oficial do Tesouro do Estado, sendo empossado por determinação do presidente Carlos Barbosa Gonçalves. Galgou altos cargos públicos, tendo sido intendente em São Leopoldo, diretor da Casa da Moeda e diretor-geral da Secretaria do Interior.

De 1924 a 1931 foi orientador literário da Livraria e Editora Globo, tendo dado atenção especial aos escritores novos. Esse período é considerado a época áurea da literatura rio-grandense, com o surgimento de Alcides Maya, Zeferino Brasil, Augusto Meyer, Pedro Vergara e mais posteriormente, Érico Veríssimo, Moisés Vellinho, Mario Quintana, Manoelito de Ornellas, entre muitos outros.

CHUCHU E CAQUI SIAMESES



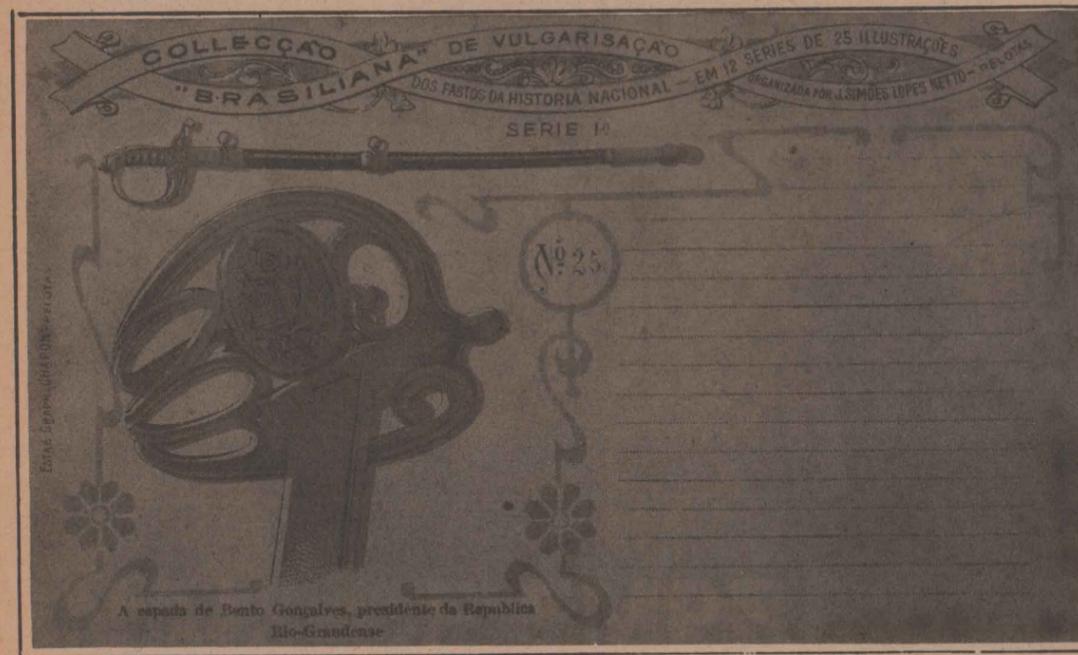
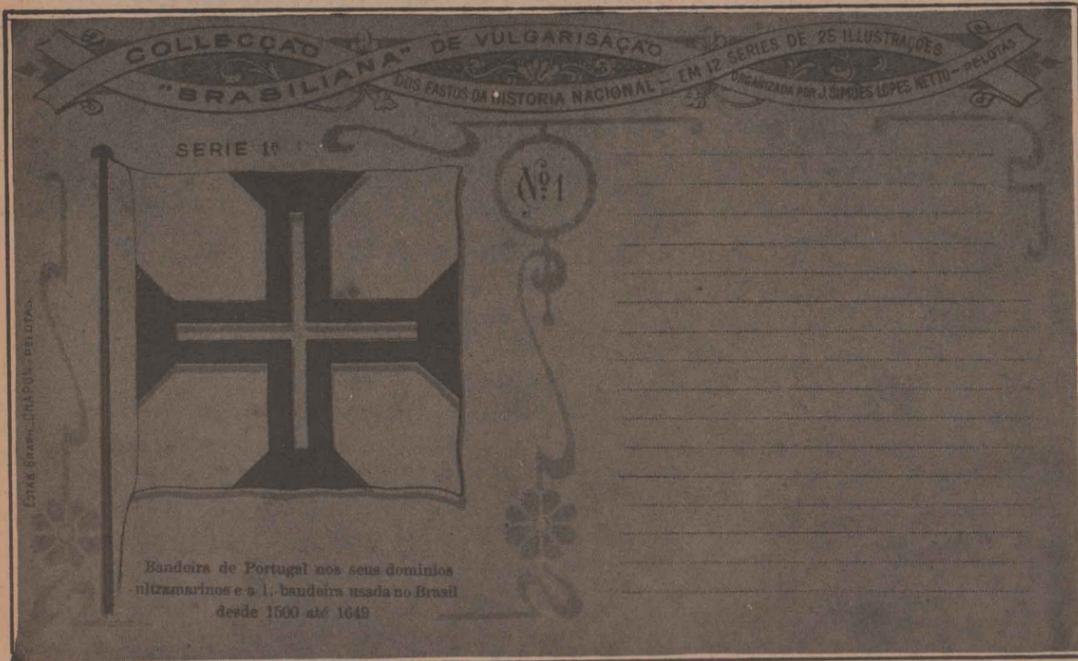
Caprichos da Natureza, seção que esteve ausente do COTRIJORNAL por certo tempo, volta agora focalizando um chuchu e um caqui siameses. O chuchu foi trazido pelo sr. Antonio Brezolin, de Boa Vista do Cadeado, município de Cruz Alta. Foi colhido em sua horta.

O Caqui, trazido pelo sr. Lourenço Cadore, da localidade de

Salto, no município de Ijuí. O caqui como se vê pela foto, tem a aparência de uma cabeça de touro, com os chifres deformados.

Esta seção do COTRIJORNAL aceita colaborações de fenômenos desse gênero, pelo que antecipa agradecimentos a seus leitores. Trazer os objetos ou as respectivas fotografias para a COTRIJORNAL, rua José Hickenbick, 66, Ijuí.

TRADIÇÃO E HISTÓRIA NO TALENTO DE SIMÕES LOPES



Em nossa edição anterior, mereceu o destaque de assunto de capa, o magistral criador das Lendas do Sul, J. Simões Lopes Neto. Divulgamos naquela edição, além de uma síntese histórica da vida e obra do patriarca do nosso tradicionalismo, alguns comentários do livro de Ivete Simões Lopes Barcellos Massot, sobrinha e filha de criação do nosso tradicionalista, intitulado "Simões Lopes Neto na Intimidade".

Remetidos por D. Ivete Massot, à redação do COTRIJORNAL acaba de receber 25 cartões da Coleção Brasileira "de vulgarização dos fatos da História Nacional", editada por J. Simões Lopes Neto nos primeiros anos do século, nos Estabelecimentos Gráficos Chapon, em Pelotas.

A idéia do cartão-postal que é usada hoje muito comercialmente na divulgação de cidades e pontos geográficos expressivos, com finalidades tipicamente turísticas, parece que foi lançada por Simões Lopes Neto, mas com finalidades bem mais didáticas e patrióticas: veicular "os fatos da História Nacional", já naquela afastada época eivada dos estrangeirismos que persistem até hoje nos nossos usos e

costumes.

A respeito da Coleção Brasileira, hoje raridade e de grande valor histórico, D. Ivete Massot conta a seguinte e interessante passagem em seu livro Simões Lopes Neto na Intimidade.

"Quando perdi meu pai — diz a autora — em 1902, minha mãe convidou seus sogros para morarem com ela. Minha avó, Abrilina Almeida Barcellos, filha de Domingos José de Almeida (o criador da República Rio-grandense) e vovô, Quincio Gonçalves Chaves Barcellos, abandonaram a charqueada às margens do rio Pelotas, que já vinha de três gerações dos Rodrigues Barcellos, para lhe fazerem companhia.

Minha avó, de chegada, depositou nas mãos de mamãe importantes documentos que pertenceram ao grande farroupilha. Cartas, bandeiras e inclusive a espada de Bento Gonçalves da Silva, o presidente da República Rio-grandense (série 1ª, nº 25 da Coleção Brasileira).

Quando João Simões, em janeiro de 1907, disse à minha mãe que estava organizando uma coleção de postais sobre a história pátria, ela entusiasmou-se

e prometeu ajudá-lo. Conversou com vovó e no dia seguinte ambas depuseram em suas mãos tudo o que possuíam relativo à Revolução de 35, inclusive condecorações e a histórica bandeira que tremulou no Palácio de Piratini.

Essa coleção que João Simões fez foi apresentada em séries e não teriam fim, como ele dizia, porque a história de um país não acaba.

Eram postais curiosos de bela apresentação gráfica, focalizando assuntos coligidos e pesquisados com paciência e cuidados. No desenho dos postais, Simões Lopes Neto mais uma vez revelou o artista que era. Na Coleção Brasileira resplandecem os seus profundos conhecimentos de arte e história.

Para imprimí-los, ele e João Chapon, o proprietário da gráfica, refizeram muitos cartões para que saíssem o mais perfeitos e coloridos possíveis. João Simões Lopes andava em busca de perfeição e Chapon, que conhecia o talento do escritor, colaborou o melhor que pode na confecção dos postais.

Queixa-se a biógrafa, que "foi um esforço quase inútil, porque o desprezo por tudo

quanto fosse nacional, — de casa — fez com que ninguém se interessasse por esses notáveis cartões, coligidos e imprimidos em lindas cores com tanta arte, perseverança e paciência. O juízo seguro com que o historiador estudava cada gravura, cada detalhe em relação ao texto, a atenção que dispensava aos pormenores históricos; a arte com que desenhava e coloria cada figura, cada bandeira, cada condecoração, fazia prever o êxito que teria a sua publicação para os que desejassem adquirir conhecimentos da nossa história.

Dava gosto vê-lo na Biblioteca Pública folheando jornais antigos e gastos, remexendo no arquivo poeirento de Domingos José de Almeida, visitando velhas e ilustres personalidades que lhe pudessem fornecer um assunto ou clarear um detalhe. Eram verdadeiras peregrinações em busca da verdade histórica.

Deram-se fatos interessantes, passagens cheias de graça e espírito, na fase desses estudos.

Uma ocasião em que ele, debruçado sobre a mesa, com uma pequenina pinça procurava segurar um selo, entrou no escritório o seu primo, médico Francisco Simões Lopes, e vendo-o tão atento perguntou: o que estás fazendo colega, de bisturi em punho? Ele, erguendo-se com um selo preso na delicada tenaz respondeu: a anatomia da pátria."

DIÁRIO POPULAR

Ainda com relação a matéria sobre J. Simões Lopes Neto, registramos o destaque dado à mesma pelo tradicional Diário Popular de Pelotas, com chamada de capa em sua edição dominical de 11 de maio, inclusive com clichê em que focalizou a quase totalidade da primeira página do COTRIJORNAL e a transcrição, ipsis literis, da reportagem Simões Lopes Neto na Intimidade, em que focalizamos o livro de Ivete Massot sobre o criador do Negrinho do Pastoreio.

JORNAL DA SEMANA

O colunista Baltazar, em sua seção no Jornal da Semana de Porto Alegre, edição de 18 de maio, também registrou com muita simpatia a reportagem do COTRIJORNAL sobre J. Simões Lopes Neto, o patrono do nosso tradicionalismo, nos seguintes termos: COTRIJORNAL de maio, com uma excelente reportagem de Simões Lopes, chegando às mãos do Baltazar. A COTRIJORNAL está editando um excelente jornal em Ijuí. Ao Jornal da Semana e Diário Popular, os agradecimentos da Redação.



JORNAIS ENCONTRO

De 6 a 8 de maio que passou, editores dos principais jornais e revistas de empresa do país, reuniram-se em Águas de São Pedro, no estado de São Paulo, para o debate de problemas e a troca de experiências importante setor de comunicação empresarial.

A reunião foi em nome da IV Convenção Nacional de Editores, sob o patrocínio da ABEA — Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa, por coordenação do Grupo Nacional de Serviços.

A abertura solene da IV CONERJE aconteceu no Grande Hotel São Pedro, no dia 6, às 20 horas, sob a presidência do jornalista Nilo Luchetti, diretor de Notícias Pirelli. Ao final da conferência Luchetti foi eleito para presidir a ABERJE no próximo período, a frente de uma diretoria que era presidida pelo jornalista Luiz Gonzaga Bertelli, da Assessoria de Imprensa da Ciba-Geigy.

As teses apresentadas na IV CONERJE foram de Apreciação do nível de trabalho do profissional nas publicações empresariais da atualidade, por Carlos Vecchio e Maria da Luz Preto; a Importância do intercâmbio entre publicações de empresa, por Nilo Luchetti e Maria Carlotta P. Carneiro; e a atuação da temática aos objetivos da publicação de empresa, por Ana Luíza de Oliveira e Vannuccini, esta última da Ciba-Geigy.

Participaram editores de cerca de 40 publicações empresariais que editam jornais. Do Grande do Sul participou o redator do COTRIJORNAL.



DE EMPRESA TIVERAM TRO EM SÃO PAULO

NAL, cuja publicação causou impacto nos convencionais pela sua forma gráfica apurada, pelos temas que aborda numa linha editorial de programação econômica e objetividade na linguagem.

COOPERATIVA PRESTIGIA

Através do representante da cooperativa na IV CONERJE, o presidente da COTRIJUI, engr. Ruben Ilgenfritz da Silva, enviou a seguinte manifestação, que lida no plenário, foi muito aplaudida pelos convencionais:

Senhores Convencionais. Ao instalar-se a IV Convenção Nacional de Editores de Revistas e Jornais de Empresa (IV CONERJE), é nosso desejo que as teses que constituem a tônica da pauta do importante encontro, concretizem-se dentro de uma temática global de objetivos, cuja soma venha a significar o engrandecimento da ABERJE como associação altamente representativa da comunicação jornalística, a nível empresarial.

Sabemos que a dinâmica do mundo, hoje, em plena era da Cibernética também como elemento comunicador, está a exigir a cada dia o aperfeiçoamento dos meios de entendimento entre a classe dos empresários entre si, e também em relação a seus quadros funcionais subalternos, num clima de compreensão e entrosamen-

to pleno, nos objetivos, nos propósitos e nos fins.

Relativamente ao plenário desta Convenção, talvez sejamos uma exceção. Como dirigentes de cooperativa de produtores rurais, nossa mensagem comunicadora não é dirigida ao funcionário, ao subalterno; senão que para colegas associados, que no plenário de uma assembléia, segundo preceitua a Legislação do cooperativismo brasileiro, têm, como nós, idêntico poder de decisão através do voto livre e soberano.

Talvez por esse motivo, o COTRIJORNAL se apresente com uma conotação redatorial e mesmo editorial, distinta da maioria dos veículos da linha empresarial, cujos representantes constituem o culto plenário desta Convenção.

Mas se nossas mensagens jornalísticas destinam-se a públicos diferentes, os objetivos são os mesmos no espírito da comunicação empresarial, que é informar. E informando, capacitar o homem para uma vida melhor, na filosofia da conquista de um progresso cada vez mais expressivo.

Registramos, por isso, nossa mensagem de carinho e solidariedade à IV CONERJE, almejando votos para que a mesma atinja de pleno o seu objetivo central, que é o aperfeiçoamento do nível editorial dos órgãos de empresa de nosso grande e querido país. Ass. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI.

LIBERDADE OU RETROCESSO?

O DIVÓRCIO

Sob o título acima, na seção "Entre Colunas", que versa assuntos maçônicos, o jornal ZERO HORA de Porto Alegre, em sua edição de domingo, 18 de maio último, publicou o seguinte comentário a respeito do divórcio:

Ao lado do povo norte-americano o brasileiro tem uma consciência profunda da Liberdade. A liberdade, em todos os sentidos, faz parte dos sentimentos da nação em geral. Mas, ao contrário dos norte-americanos, o brasileiro tem os seus sentimentos de Liberdade principalmente baseado na mais profunda índole de tolerância. Assim é possível que por espaço de tempo maior ou menor, uma minoria consiga dominar os anseios de todos. Possivelmente aí seria a chave das revoluções brasileiras sem derramamento de sangue. Os errados, os corruptos ou os fanáticos exercem o domínio até que se destróem por si, "caem de podre". Então, basta uma ação dos bem intencionados, sem violências extremas, e a ordem desejada pela maioria chega à sua vitória.

Assim assistimos as grandes decisões históricas do Brasil idealizadas pelos Maçons e também por aqueles que, com suas intenções patrióticas, lutam pela Pátria melhor, e cultivam os valores cívicos. O Brasil conseguiu a sua Independência sem Guerra, somente com o sacrifício de alguns mártires. Da mesma maneira, transformamos a Monarquia em República e libertamos os escravos, o que teve repercussões tremendas na vida econômica e social do país. A última Revolução de 1964 teve as mesmas feições. Quando o regime chegou ao clímax de decomposição e autodestruição, ele caiu sem possibilidade de qualquer reação. Se não fosse a mentalidade de tolerância, bem antes da data histórica, teria havido uma reação e o povo estaria dividido numa luta fratricida.

Mas não somente no âmbito das decisões revolucionárias se evidenciou o caráter extraordinário da nação, também nas decisões importantes do convívio político-social se processaram soluções que evitaram choques maiores.

No século passado foi implantado o ensino leigo. Um resultado da luta persistente daqueles que não temeram as perseguições e a excomunhão. E quando o mesmo espírito democrático levou à vitória a instituição do casamento civil, tinha se processado uma revolução incrível, porque parecia impossível e inconcebível o que hoje é fator indiscutível.

Da mesma maneira assistimos na atualidade a luta pelo divórcio, o que hoje parece difícil ou impossível, será futuramente um direito definido.

Realmente, ninguém bem intencionado, poderia gostar do divórcio, mas por isso ele não deixaria de respeitar a liberdade e o direito da decisão de infelizes, que não possuem alternativa. Como pode-se conceber que uma minoria imponha o seu conceito e convicção a uma maioria esmagadora?

Ninguém quer tocar no direito de manter a indissolubilidade do casamento daqueles que obedecem e seguem o dogma.

O espírito democrático de um estado de direito sempre lhes assegurará a integridade e manutenção das suas convicções e da sua fé. Todavia, exige este mesmo espírito democrático, que aqueles que não podem ou não querem manter um contrato contraído, o possam dissolver.

Para alguns, a falta de dois terços na votação do congresso a favor do divórcio parece uma frustração, um retrocesso dentro do conceito democrático, ao inverso, para os fanáticos é uma vitória. Ambos estão enganados, ambos sentem somente os fatos imediatos. A evolução da Pátria e o progresso dos sentimentos de Liberdade e da Democracia é irreversível. Não há Retrocesso, o que aconteceu é simplesmente a confirmação de um estágio na evolução histórica. E o que a Mulher e o Homem Brasileiros conquistarem a Paridade do Direito, de corrigir o que é irreparável, terão também a maturidade de assumir as graves responsabilidades que este Direito lhes imporá.

SINDICAL

TENENTE PORTELA COM ELEIÇÃO MARCADA PARA MES DE AGOSTO

A 3 de agosto, vai ter eleições no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela. Os associados votarão na sede do sindicato, na cidade, e nas mesas a serem instaladas nas localidades de São Sebas-

tião, Vista Gaúcha, Bom Plano, São Pedro, Cedro Marcado, Santa Fé, Derrubadas, Centro Novo, Daltro Filho, Braço Forte, Alto Alegre, Capoeira Grande, Alto Colorado e Dois Marcos.

As chapas estão em fase de confecção. Em nossa próxima edição daremos as nominatas dos concorrentes à diretoria e demais postos naquele sindicato da região do Alto Uruguai, cujo presidente é João Telló.



Diretores empossados em São Martinho. Ao centro o presidente reeleito, Canísio José Welter.

NOVA DIRETORIA EM S. MARTINHO

Foi eleita e empossada a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Martinho, sendo reeleito o presidente Canísio José Welter. A nominata total dos componentes daquele sindicato é a seguinte: presidente, Canísio José Welter; diretores, Pedro Leopoldo Engerhoff e Humberto Schmitt. Suplentes — Edvino Urban, Olídio Kerber e João Avelino Goetz. Conselho fiscal - Egidio Gregory, Otto Scheid e Claudino Hunhoff. Suplentes - Alirio Cláudio Ludvig, Evaldo Ernesto Lerner e Olibio Arnt. Representantes junto à Federação. Efetivos - Canísio José Welter e Pedro Leopoldo Engerhoff e suplentes — Humberto Schmitt e Mariovalti Prusse dos Santos.

ASSEMBLÉIA EM S. AGOSTO

Sob a presidência do sr. Edmundo Stadler, realizou-se a 6 de maio, tendo por local a sede do CTG Pompílio Silva, a assembléia geral do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo

Agosto. Foram aprovados pela assembléia o relatório da diretoria correspondente ao exercício de 1974 e a prestação de contas da diretoria. A previsão orçamentária para 1976 é de 672 mil cruzeiros. A assembléia aprovou também as contas de Assistência e Contabilidade Sindical — BACS — para prestar assessoria ao sindicato e a construção de ambulatório médico.

Além da presença da totalidade da diretoria e grande número de associados, esteve presente o sr. Odilar Polo, chefe do FUNRURAL em Santo Augusto.

ASSEMBLÉIA EM AGOSTO PESTANA

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo PESTANA promoveu assembléia ordinária a 8 de maio que passou, com a finalidade de prestação de contas do exercício encerrado, relatório da diretoria e parecer do conselho fiscal, além de vários outros assuntos do interesse do quadro social.

A assembléia que foi realizada no salão paroquial

foi presidida pelo sr. Bruno van der Sand, presidente do sindicato.

ELEIÇÃO EM CHIAPETTA

Foi empossada a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta, em ato realizado nas dependências da COTRIJUI naquele município. Estiveram presentes à posse da diretoria, a cuja frente está o sr. Albino Weschter, os srs. Luiz Carlos Machado, gerente da COTRIJUI em Chiapetta, médico José Joaquim Mello, diretor do hospital; odontólogo Darci Zwirtes, Vilmar Hentges, Jaldyr Cabral da Silva e Maria Aparecida dos Santos.

A diretoria do Sindicato de Chiapetta, ficou sendo a seguinte: presidente, Albino Weschter; secretário, Alfredo Blass e tesoureiro, Antoninho Boiarski Lopes. Suplentes, Eduardo Mattioni, Enio Rospieski e Alceno Elvino Volmer. Conselho fiscal, efetivos — Gentil Ferraza, Mariano Liesbinski e Eduardo

Schultz. Suplentes — Américo Franco Rodrigues, Milton da Silva Prestes e Nelson Sima. Delegados junto à Federação — efetivos, Albino Weschter e Antoninho Boiarski Lopes. Suplentes, Eduardo Mattioni e Alceno Elvino Volmer.

COOPERATIVA DE FORMIGUEIRO

A 20 de maio, foi realizado na localidade de Formigueiro, assembléia dupla da Cooperativa Mista Formigueiro Ltda. A primeira assembléia, de caráter ordinário, tratou da aprovação das contas do exercício e assuntos gerais. A segunda, realizada às 16 horas, e de caráter extraordinário, tratou da liquidação da cooperativa. A COTRIJUI estuda a aquisição dos estoques da cooperativa em liquidação, bem como a manutenção do posto de venda naquela localidade.

Estiveram presentes a assembléia extraordinária da Cooperativa Mista Formigueiro, em nome da COTRIJUI, os srs. Oswaldo Olmiro Meotti, Rui Polidoro Pinto e Valdir Zardin.

REUNIÃO DE PROFESSORES

Reunião de professores teve lugar em Santo Augusto, no dia 6 de maio, tendo por local dependências do CTG Pompílio Silva, sob a presidência do diretor da Divisão de Educação e Cultura, sr. Irineu Antonio Cazarolli.

Participaram da reunião, pela FIDENE, a professora Wally Arns, que analisou para os professores presentes o COTRISOL, suplemento infantil do COTRIJORNAL e o professor Walter Frantz, do IEP.

CORTE E COSTURA

A 17 de maio, em Esquina Santo Antonio, distrito de Vila Jóia, Tupanciretã, encerrou-se mais um curso de corte e costura e associativismo, promovido pelo Convênio Cotrijui/Fidene e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Jóia. Grande número de senhores, esposas de associados da COTRIJUI, participaram do curso, tendo recebido seus diplomas.

Juntamente com as aulas práticas de corte e

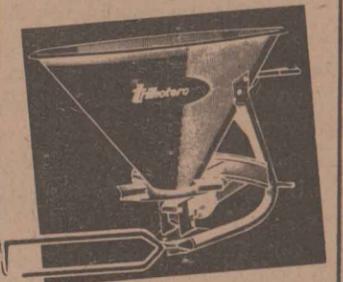
costura era promovidos debates sobre associativismo, por se considerar ser importante para a mulher de hoje possuir esses conhecimentos a fim de não ficar marginalizada do processo de desenvolvimento da região, que tem seu maior embasamento econômico na força do cooperativismo. Ao todo, participaram 42 senhoras.

No encerramento do curso foram projetados eslaides e feita uma palestra sobre a produção agrícola na economia brasileira, pelo professor Walter Frantz, do Instituto de Educação Permanente da FIDENE.

PLANO SINDICAL

Em vários Estados estão sendo executados planos para a criação de novos sindicatos e, conseqüentemente, a organização de federações estaduais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, há a possibilidade de serem organizadas associações municipais ou regionais em número de 16. Essas associações inicialmente visam a congregar a categoria dando-lhe melhor consciência associativa. Como associações que deverão ser reconhecidas pelo Ministério do Trabalho, já podem atuar em favor dos seus associados, prestando assistência social e técnica. Após um período, em média, de seis meses a um ano, as associações que apresentarem condições poderão ser transformadas em sindicato.

ADUBADEIRA CIRCULAR



- Distribui com perfeição o calcário e adubo, cobrindo até 50 ha p/10 horas de trabalho.
- Capacidade do depósito: 330 litros
- Acoplável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal.
- Largura do trabalho: 10 m.
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes:
Trilhotoero
marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHOTERO

PRESIDENTE DA COTRIJUI NA DIRETORIA DA OCERGS

O diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, foi eleito para a direção da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - OCERGS - durante assembleia daquela entidade realizada a 25 de abril.

A OCERGS é constituída pelas federações das cooperativas do estado e sua constituição atual, com mandato até abril de 1977 é a seguinte: FECOCARNE, eng. Tertuliano Bofill; FECOTRIGO, eng. Danilo Bracini; FEARROZ, eng. Homero Pêgas Guimarães; FECOVINHO, Raul R. Bigarella; FECOLAN, vaga com o falecimento do sr.

Sidney Almeida Santos; FE-COERGS, Seno Greyer; FECOMED, Arnaldo Silvestre Mallmann e FARSUL, Daniel Neves da Silva.

Diretoria executiva: Ruben Ilgenfritz da Silva, da COTRIJUI; Aristides Marques Vello, Rene Vicente Vier, Werno Blasio Neumann e Judith C. Verney Goethe.

Conselho Fiscal - Efetivos - Franklin de Castro Teixeira (reeleito), Hugo Oliveira dos Santos e Omar Seeling, Suplentes, Reni Pedro Ely, João Vieira Fernandes e Walmiro dos Santos.



Presidente da COTRIJUI e técnicos do INCRA, com o governador Sinval Guazzelli.

PROJETO COTRIJUI AMAZONAS ENTREGUE AO GOVERNADOR

O diretor-presidente da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva, acompanhado do coordenador regional do INCRA no Rio Grande do Sul, Frederico Gunnar Durr, apresentou a 6 de maio ao Governador do Estado, no Palácio Piratini, o projeto de viabilidade econômica para a colonização de uma área no polígono de Altamira, no Pará.

O referido projeto, conforme temos noticiado, redundará na constituição da COTRIJUI-NORTE, que ocupará uma área de 400 mil hectares de terras situadas no município de Altamira, no Pará, microregião do Xingu. A filosofia social do programa tem em vista a transferência, num prazo máximo de 10 anos, de 2.000 famílias de agricultores da área da COTRIJUI. Estes agricultores, possuidores de pouca terra, sairão ordenadamente com suas famílias para módulos rurais na área do Projeto, onde já receberão uma infraestrutura sócio-econômica montada para operação imediata.

Segundo os levantamentos preliminares feitos por uma empresa especializada contratada pela COTRIJUI a região comporta o plantio de sete culturas básicas, sendo quatro permanentes (cacáú, café, dendê e cana-de-açúcar) e

as culturas anuais: arroz, feijão e soja, portanto, num total de sete culturas.

ADIDOS AGRÍCOLAS

A criação de adidos agrícolas junto às embaixadas brasileiras no exterior, foi apontada pelo diretor-presidente da COTRIJUI, como o primeiro passo que o Governo deve tomar para neutralizar as empresas multinacionais que operam com produtos agrícolas primários, principalmente a soja e seus sucedâneos.

A sugestão do presidente da COTRIJUI, que é aliás uma antiga aspiração da cooperativa (vide editorial do COTRIJORNAL, edição de dezembro de 1974), foi feita em depoimento perante a Comissão de Agricultura e Pecuária da Assembléia Legislativa do estado, no dia 7 de maio último.

Ruben Ilgenfritz da Silva disse aos deputados que as empresas multinacionais tem condições de manipular as informações sobre a posição e rendimento das safras, suas projeções em relação ao futuro e até mesmo quanto aos estoques disponíveis. Com esse poder manipulador, o presidente da COTRIJUI entende que tais empresas são responsáveis diretas pelas oscilações de preço da soja, suba ou aviltamento de preços, em épocas que normalmente não

deveriam ou tecnicamente não poderia acontecer o fenômeno.

Enfatizou no entanto, que não se pode simplesmente condenar essas empresas pelo que fazem. Ao invés de nos lamentar e reclamar de suas manipulações, devemos nos capacitar para obter nossas próprias informações de mercado. Enquanto dependermos das informações de nossos concorrentes, é evidente que levaremos a pior.

Além da criação de adidos agrícolas junto às embaixadas no exterior, Ruben Ilgenfritz da Silva voltou a defender a ampliação de nossa capacidade de uso do sistema hidroviário para o escoamento das safras de grãos através da ligação Ibicuí-Jacuí e o incremento do transporte ferroviário, com linhas de penetração nas regiões agrícolas.

O transporte dos produtos grãos que vem sendo feito, em sua grande parte (no ano passado alcançou 51% do total) por rodovia, encarece o produto. Basta dizer, enfatizou Ruben Ilgenfritz da Silva, que enquanto o custo da tonelada da soja da zona de produção ao porto de Rio Grande custa ao redor de 20 dólares a tonelada, o frete marítimo Rio Grande-Rotterdam, fica em apenas oito dólares a tonelada.

BANCO CENTRAL NA COTRIJUI



O gerente da fiscalização e registro de capitais estrangeiros, Antonio de Pádua Seixas; o adjunto do gerente de fiscalização, Wilson Alves de Moura, do Banco Central do Brasil, vindos de Brasília e Sadi José Pizolotto, da agência do banco em Porto Alegre, estiveram em visita a COTRIJUI no dia 17 de maio.

Os altos funcionários do BCB visitaram as instalações centrais da cooperativa na companhia do presidente e diretores. Diversos assuntos foram tratados, principalmente na área da exportação de soja, através da COTRIEXPORT S.A., empresa vinculada ao grupo da COTRIJUI. Na foto os visitantes, quando em companhia do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e do

diretor Euclides Casagrande, percorriam as instalações de armazéns no bairro industrial.

DIRIGENTES DA FETAG EM VISITA A COTRIJUI

Estiveram em visita a COTRIJUI, dia 29 último, o sr. Érico Pegoraro, secretário-geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul e o sr. Ossir Gorenstein, assessor da Confederação Nacional

dos Trabalhadores na Agricultura, sediada em Brasília.

Os líderes ruralistas, que se faziam acompanhar do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, sr. Orgênio Rott, visita-

ram as instalações da cooperativa, inclusive a redação do COTRIJORNAL, e foram recebidos pelo vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, com quem trocaram idéias a respeito de associativismo e sindicalismo rurais.

CENTRO DE SOJA

O Paraná é sede do Centro Nacional da Soja, de acordo com convênio que foi assinado no dia 1º de junho, em Palotina, pelo governador daquele Estado e o ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura.

O Centro Nacional da Soja vai receber doação de dois mil metros de área do Instituto Agrônomo do Paraná, em Londrina, e contará com recursos financeiros da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, para realizar estudos sobre a soja cultivada em todo o País.

PULVERIZADOR

Holder
Trilhoteiro



- Com barras de aspersão de 6, 8, 10 e 12 metros.
- Único c/exclusivo sistema injetor direto.
- Com tanque de 200 a 400 litros, é acoplável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal.
- Aplica com eficiência os defensivos agrícolas nas culturas de trigo, soja, etc.
- Sua versatilidade permite também o uso do Turbo-Hélice, para pulverização de cafezais, pomares, etc., ou pistolas de pulverização manual.
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes:
Trilhoteiro
marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHOTERO

POESIA GAUCHESCA E LITERATURA DE CORDEL

Os temas ingênuos da literatura popular, que no Brasil se chamou de literatura de cordel, estão de há muito transpostos para o teatro. Na França, acaba de realizar-se o X Festival Mundial de Teatro de Nancy, que contou com a presença de grupos teatrais da maior parte do mundo. Do Brasil, esteve presente o próprio Teatro de Cordel, de Salvador, Bahia, integrado pelos 20 integrantes do elenco, tendo obtido sucesso.

A literatura de cordel típica, apesar da sua acentuada decadência em vista do avanço dos diversos meios de comunicação, ainda é bem cultivada no nordeste do Brasil, na Bahia, principalmente.

No Rio Grande do Sul, o cordel nunca prosperou. O próprio vocábulo designativo, que se justifica no nordeste em vista da exposição dos versos sobre

cordas estiradas junto ao passeio público não faz sentido no sul.

Nossos poetas populares - trovadores ou repentistas - nunca foram muito chegados à ordenação, escrita de suas criações. Amantes do violão, instrumento imprescindível para se acompanhar na ilustração melódica da rima, o trovador gaúcho desperdiçou ao minuído muito da sua criatividade poética . . .

Naturalmente há exceções De 20 ou 30 anos para cá, tem surgido no Rio Grande do Sul o que se poderia qualificar de poetas escritores. Isto é, aqueles que transplantaram para o papel o fruto da criatividade rimada. E nesse campo, é evidente, há grande diferenciações de estilo, talento e até de gramática.

Enquanto um Vargas Neto enquadra-se no estilo que pode ser qualificado clássico gau-

chesco, surge um Lauro Rodrigues analisando a temática social (Senzala Branca) e um Jayme Caetano Braun abordando o gaúcho taurino, o guasca taurino e romântico, conquistador de horizontes e insaciável nas aventuras amorosas.

Depois vêm os ingênuos, estes em maior escala. Aqueles que no nordeste brasileiro seriam qualificados no rol dos literatos de cordel.

Ijuí tem o seu poeta gaudério, e com livro editado. Pedro Darci de Oliveira, fundador e membro atuante do conjunto de pesquisas folclóricas " O Sinuelo", intitulou seu livro (edição da Gráfica e Editora Jornalística Sentinela, de Ijuí) com o nome do conjunto que fundou Sinuelo.

A poesia a seguir é de Pedro Darci de Oliveira:

GAUDÉRIO

Eu sou o naco de fumo
girando no fio da faca,
sou o poncho . . . fui barraca
de chimango e maragato,
sou branco, ruivo, mulato,
numa mistura de raças.
Sou o gosto da cachaça
num trago bueno de fato.

Sou o destino gaudério
de alguma alma penada,
sou passatempo da indiada
nos rodeios de domingo.
Sou o peão, que com o pingo
em meio aos riscos da lida,
apostam a própria vida
num " tu me derruba, eu me vingo!"

Sou braço de algum gaúcho
numa laçada certa,
Sou tiro de boleadeira,
na caça do potro alçado,
Sou serra, campo, banhado,
Sou a cruz do corredor
Sou o ódio, a paz e o amor
de algum chiru desconfiado.

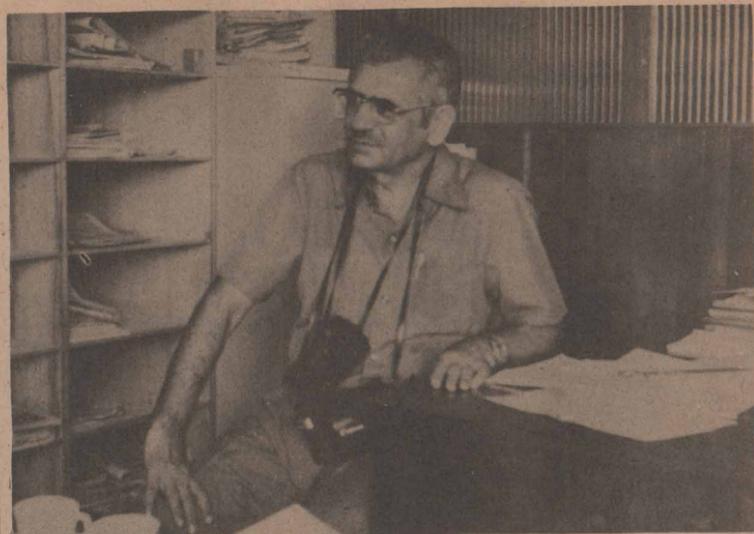
Sou o tinir da roseta
espreitando um redomão,
Sou mangueira, sou galpão,
casa grande da fazenda,
Sou o vestido de renda
da donzela mais prendada,
Sou o " S " de alguma adaga,
nos entreveios da venda.

Sou a afinação da viola
nos dedos do tocador,
Sou alma de pajador
junto ao calor do tição
Sou a cuia de chimarrão
beijando lábios afora,
Sou o vermelho da aurora,
clareando o meu rincão

Sou o Rio Grande do Sul
das peleias nas coxilhas,
Sou soldado Farroupilha
que nunca teve quartel,
Sou ruínas de São Miguel,
Redução de Tiarajú,
Sou choro do pé de umbu
pra alguma china qualquer.

Sou a vertente da rocha
d'água meio azulada,
Sou marcas no pó da estrada
de uma carreta chorona,
Sou teclado de acordeona
nos passos de chimarrita,
Sou par de prenda bonita
numa vaneira marcada.

Sou poeta . . . Sou o vento . . .
Sou a lenda que persiste,
Sou homem que canta triste,
Sou o chucro pantanal,
Sou relincho de bagual,
Sou o guardião quero-quero,
Eu foi talhado em pau-ferro,
Pra ser a História Imortal.



DIRETOR DO "AGROPECUÁRIO" AQUI

O jornalista Mário Mazzei Guimarães, diretor responsável do *Correio Agropecuário*, de São Paulo, esteve em visita à COTRIJUI, em meados de abril, tendo se entrevistado com diversos diretores da cooperativa.

O jornalista paulista, que esteve vários dias no estado colhendo material jornalístico para a sua publicação, entrevistou-se em Porto Alegre com o secretário da

Agricultura, Getúlio Marcan-tonio.

A reportagem que trata do assunto que o trouxe ao Rio Grande do Sul, que é a soja, está contida na edição do CAP correspondente à 2ª quinzena de abril que passou.

Na foto o jornalista Mazzei Guimarães, quando em visita a redação do COTRIJORNAL.

COPAGRIL NA COMUNICAÇÃO DO COOPERATIVISMO

Informativo "COPAGRIL", é o veículo lançado pela Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda., de Marechal Cândido Rondon, estado do Paraná. O órgão de informação jornalística é de periodicidade mensal, tem boa apresentação gráfica e matéria variada nos diversos setores das atividades agrícolas e cooperativistas. É dirigido ao quadro social da cooperativa paranaense.

O informativo "COPAGRIL", que vem juntar-se ao

esforço que se faz hoje no setor da informação cooperativa brasileira, tem como redator responsável o jornalista Luiz Vicente Ghesti. O COTRIJORNAL deseja ao novo veículo informativo, à sua direção editorial e à direção da Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda., a cuja frente está o presidente Leopoldo Piotrowski, os maiores êxitos na sua grande missão de informar e orientar os associados e público geral, da sua região de circulação.

SEMEATO GANHOU A DISTINÇÃO INDÚSTRIA

Semeato S.A., indústria de implementos agrícolas com sede em Passo Fundo, foi uma das empresas a serem destacadas pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, com o prêmio Distinção Indústria 1974. O prêmio conferido anualmente pela FIERGS tem em vista distinguir as empresas industriais do nosso estado, pelos

avanços tecnológicos e sistemas empregados que a distinguem das demais.

A entrega do prêmio à Semeato S.A. foi feita durante solenidade realizada a 23 de maio último, no Parque de Exposições de Esteio, prestigiada pelo governador do estado e demais autoridades estaduais e federais.



O professor Malavolta, entre o vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Drews e o eng^o. agr^o. José Carlos Carvalho, gerente da Adubos Trevo, na região.

AUTOR DO ABC DA ADUBAÇÃO HOMENAGEADO NA COTRIJUI

Em visita ao Estado, esteve na COTRIJUI a 20 de maio, o professor Euripedes Malavolta. Ele é conhecido em todo o Brasil pelos trabalhos que vem realizando em benefício da agricultura. Quando pouco se falava em fertilizantes, já em 1956, ele lançou seu livro que recebeu o nome "ABC da Adubação". Dentre outros trabalhos, destaca-se o "Manual de Química Agrícola — Adubos e Adubação" livro de alto teor científico, mas ao mesmo tempo prático e objetivo. Pela sua qualidade, em termos de química, agrícola, ele é desde sua 1ª edição recomendado em todas as faculdades de agronomia do País. Além de escritor, Malavolta é pesquisador, professor de química agrícola na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" e membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

Acompanhavam o professor, lideranças do setor agrônomo. Dentre elas estavam presentes técnicos da Associação Nacional, para a Difusão de Adubos (ANDA), técnicos da Fecotrigo e o presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul (SARGS), Eng^o. Agr. José Lauro de Quadros. Também acompanhavam o grupo, dirigentes das Indústrias Lucsinger Madörin S/A, que proporcionou a vinda dos técnicos ao estado.

O grupo foi recepcionado por diretores e técnicos da CO-

TRIJUI.

Durante sua permanência em Ijuí, os técnicos visitaram as instalações da Cooperativa e foram homenageados com um churrasco na Linha 3, sede da AFU-COTRI. Logo após o almoço, o diretor vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Oscar Drews, saudou os visitantes e teceu considerações sobre o significado da presença dos técnicos em nossa região.

Logo após o diretor-presidente de Adubos Trevo, sr. Elmiro Lindemann, fez a apresentação dos visitantes e dirigiu palavras de agradecimento pela recepção da COTRIJUI.

Em seguida falou o professor Malavolta. Fez questão de enfatizar a hospitalidade e o espírito progressista do povo gaúcho e que podem servir de exemplo aos demais estados brasileiros. Manifestou sua tranquilidade e confiança com relação a agricultura deste estado que segundo ele, é atualmente, o que emprega o maior índice de tecnologia agrícola. Acrescentou que de nada adiantará o aumento da produção de adubos se não forem adotadas medidas para diminuir o custo de transporte e aplicação de calcário e adubos.

Também fez uso da palavra o Eng^o. Agr^o. José Lauro de Quadros que declarou que o desenvolvimento da lavoura gaúcha

e de outros estados da federação são os frutos da união dos produtores, através das cooperativas.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGRO-INDÚSTRIAS

A Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos vai promover, em Porto Alegre, um curso de especialização em administração de agro-indústrias, no período de agosto do corrente ano até julho de 1976.

O curso a ser promovido é resultante de um convênio firmado entre a FDRH e o Programa Nacional de Treinamento de Executivos — PNTE, mantido pela Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República. Declara o diretor-presidente da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos

Humanos, sr. Adão Raupp, que o curso se enquadra nas metas traçadas pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento, que estimula a capacitação progressiva dos recursos humanos ligados ao setor primário, com vistas a adequar o executivo às conquistas administrativas e tecnológicas.

Os interessados em maiores detalhes do curso devem dirigir-se diretamente à sede da FDRH, na av. Praia de Belas, 1595, Porto Alegre, telefones 23.5914 e 25.9601. Para discagem pelo DDD. usar o prefixo 0512.

A Trevo está abrindo os corredores de exportação

Já em 1974 estará operando o complexo industrial de fertilizantes junto ao Superporto de Rio Grande.

Com uma produção inicial prevista de 450 mil toneladas anuais de adubos granulados, a nova fábrica vai ajudar os agricultores gaúchos a produzirem safras ainda maiores.

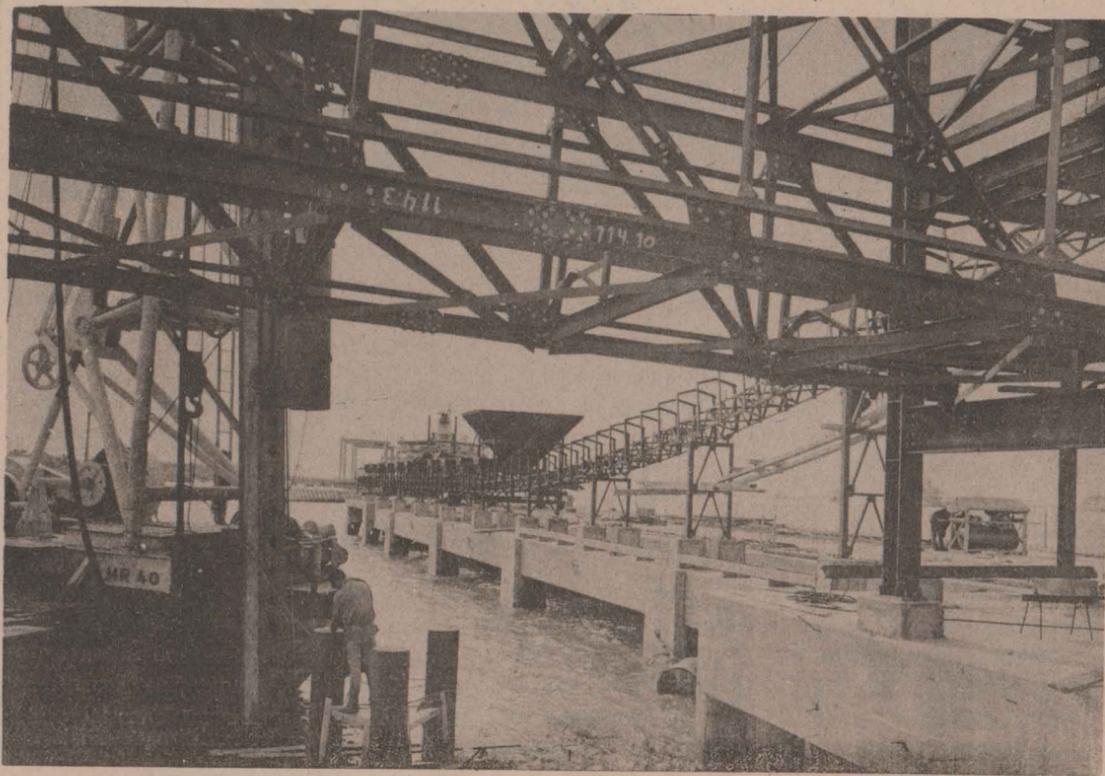
Os mesmos cargueiros e vagões ferroviários, que chegarem ao Superporto com os produtos agrícolas de exporta-

ção, levarão de volta aos centros de produção os fertilizantes que a terra precisa.

Com isso se atingirá um dos objetivos do Governo ao criar os corredores de exportação: racionalizar a produção agrícola.

ADUBOS  TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.



VERBAS PARA REFLORESTAMENTO

A Associação Sul-riograndense de Reflorestamento pretende entregar ao governo do Estado, até 10 de outubro, projeto que prevê a plantação de 2,2 bilhões de árvores no Estado, num prazo de 10 anos, nu-

ma área de 884 mil hectares.

Esse programa faz parte da "Operação Verde" lançada oficialmente pelo secretário da Agricultura, Getúlio Marcântonio.

REGULAMENTADA A INSPEÇÃO DO COMÉRCIO DE FERTILIZANTES

Pelo Decreto nº 75.583, de 9 de abril último, o Governo Federal regulamentou a Lei nº 6.138, de 8 de novembro de 1974, que dispõe sobre a inspeção e fiscalização do comércio de fertilizantes, corretivos e inoculantes destinados à agricultura brasileira.

A execução da inspeção e respectiva fiscalização do que preceitua a Lei, é atribuição do Ministério da Agricultura, através do Departamento Nacional da Produção Vegetal. O Ministério poderá, mediante convênios, delegar às secretarias de Agricultura ou órgãos correspondentes nos estados, territórios e Distrito Federal, poderes para a realização da inspeção e fiscalização de que trata a referida Lei.

Para garantir o cumprimento das disposições legais pertinentes à inspeção e fiscalização as autoridades policiais, quando solicitadas pelo setor competen-

te, atuarão para o cumprimento do preceito legal.

A Lei nº 6.138 estabelece as seguintes definições relativas a fertilizantes, corretivos e inoculantes: I - Nutriente. É todo elemento necessário para o crescimento e produção de vegetais.

a) Macronutriente primário - Os elementos nitrogênio, fósforo e potássio, expressos na forma do nitrogênio (N); pentóxido de fósforo (P₂O₅) e óxido de potássio (K₂O);

b) Macronutriente secundário - Os elementos cálcio, magnésio e enxofre, expressos na forma de óxido de cálcio (CaO), óxido de magnésio (MgO) e enxofre (S), respectivamente;

c) Micronutriente - Os elementos boro, cloro, cobre, ferro, manganês, molibdênio e zinco, expressos nas formas de B, Cl, Cu, Fe, Mn, Mo e Zn, respectivamente;

II - Fertilizante - Toda substância mineral ou orgânica, na-

tural ou sintética, fornecedora de um ou mais nutrientes das plantas:

a) Fertilizante simples - Todo o fertilizante formado de um composto químico, contendo um ou dois macronutrientes primários.

b) Fertilizante misto ou mistura de fertilizantes - Todo o fertilizante resultante da mistura de dois ou mais fertilizantes simples;

c) Fertilizante complexo - Todo o fertilizante contendo dois ou mais macronutrientes primários, resultantes do processo tecnológico em que se formam dois ou mais compostos químicos;

III - Carga - Qualquer material adicionado no preparo de 1.000 kg de fertilizantes misto, não oferecendo garantia em nutrientes; não constitui carga o material destinado ao revestimento externo dos grânulos;

IV - Corretivo - Todo o mate-

rial capaz de, quando aplicado ao solo, corrigir-lhe uma ou mais características desfavoráveis as plantas;

V - Inoculante - Todo material contendo microrganismos fixadores de nitrogênio e que atue favoravelmente, no desenvolvimento das plantas, Considera-se como inoculante:

a) Cultura de microrganismos específicos, diluída em veículo inerte e esteril que, vivendo em simbiose com as plantas, fixam o nitrogênio do ar atmosférico;

b) Qualquer outra cultura de microrganismos capaz de fixar nitrogênio, quando sua eficiência for comprovada por órgão público de pesquisa.

Art. 5º As entidades públicas ou privadas que operam no setor de fertilizantes, corretivos

ou privadas que operam no setor de fertilizantes, corretivos ou inoculantes, assim se classificam:

I - Importador - Quando adquirir no exterior fertilizantes, corretivos ou inoculantes.

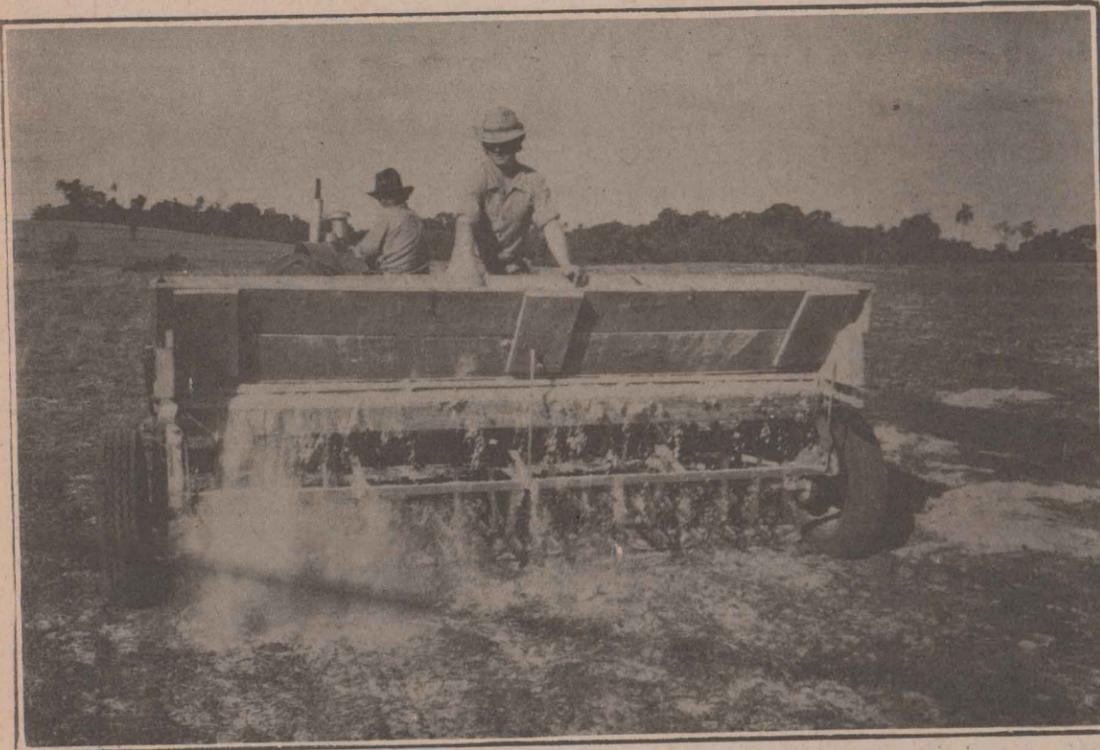
II - Produtor - Quando se dedicar à produção de fertilizantes, corretivos ou inoculantes.

III - Manipulador - Quando se dedicar à mistura, reembalagem e comercialização de fertilizantes, corretivos ou inoculantes.

IV - Revendedor - Quando se dedicar à revenda de fertilizantes, corretivos ou inoculantes nas embalagens originais.

Parágrafo único - Quando o revendedor comercializar produtos a granel, passará a ser considerado como manipulador destes produtos.

DISTRIBUIÇÃO PARA CALCÁREO ÚMIDO



A máquina, invenção dos irmãos Folleto, em plena operação, tracionada por um pequeno trator.

Um dos problemas enfrentados pelos agricultores, a impossibilidade de distribuição de calcáreo na lavoura, poderá ser eliminado em breve. Um primeiro passo foi dado pelo invento prático e simples de três agricultores ijuenses - os irmãos Zeno, Hélio e Elcio Folleto - que aproveitando a base de uma semeadeira construíram uma caixa de madeira com sistema de distribuição de calcáreo. O fundamental no caso é o mecanismo de distribuição, que segundo o Departamento Técnico da cooperativa, funciona a con-

tento, com calcáreo úmido.

Existem vários tipos de distribuídas porém todas elas no sistema de correias, que são implementos de preços mais altos. A idéia posta em prática pelos irmãos Folleto, tem em vista a pequena propriedade.

Tendo em vista a máquina feita pelos Folleto, o diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, acha importante que as indústrias procurem aperfeiçoá-la, para um maior rendi-

mento técnico. Ele diz que dessa maneira a indústria de calcáreo poderá oferecer mais um tipo de produto: um de granulometria maior, semelhante ao que a maioria das indústrias possuem hoje, com poder de neutralização inferior a 90%, que poderá ser armazenado ao tempo. E um outro, mais fino, com poder neutralizador superior a 90%, para ser armazenado ao abrigo. Teríamos assim, no mínimo, dois produtos, com preços menores para o produto que suportasse o tempo, pois este seria mais econômico.

AJURICABA VAI INSTALAR TELEFONES NOS DISTRITOS

O prefeito Notélio Mariotti, do município vizinho de Ajuricaba, quer instalar telefones nos distritos de Ramada e Barro Preto e nas localidades de Espinilho e Formigueiro. A notícia foi veiculada pela imprensa de Porto Alegre, durante estada do prefeito Mariotti à capital do Estado durante a primeira

quinzena de maio, quando tratou desse assunto junto a Companhia Riograndense de Telecomunicações.

Na mesma ocasião o prefeito ajuricabense manteve contatos com diversas firmas portolegrenses dedicadas ao ramo de telecomunicações, com vistas a aquisição de material.

AUGUSTO PESTANA QUER ASFALTO ATÉ A BR-285

O prefeito de Augusto Pestana, sr. Ary Hintz, aproveitou a estada no seu município do ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli, quando da inauguração do armazém-graneleiro da COTRIJUI, a 10 de maio, para fazê-lo portador de memorial ao ministro dos Transportes, general Dirceu Araújo Nogueira,

reivindicando o asfaltamento da estrada que liga seu município com a BR-285, nas proximidades da cidade de Ijuí.

O ministro Paulinelli, muito gentilmente, prontificou-se a entregar em mãos do seu colega dos Transportes, a petição do governo municipal pestanense.

INAUGURADO MATADOURO DE COELHO

Foi inaugurado dia 10, na cidade de Pelotas, o primeiro matadouro de coelhos sob inspeção federal. É o COPIRA.

O ato contou com a presença de autoridades, cunicultores do Estado e diversos convidados especiais.

Na visita ao matadouro, todos os presentes apreciaram as modernas instalações e o funcionamento do mesmo. Inicialmente, o matadouro tem a capacidade de abater mil animais, diariamente. Após foram visitadas as instalações da granja, que

já tem 3 pavilhões de alvenaria e mais dois em andamento, com as dimensões 6 x 100 m.

A granja conta, atualmente, com 3.000 animais, todos de raça "Norfolk".

Os diretores da COPIRA informaram que o matadouro tem como certo exportar a carne de coelho para a Itália, Japão e Bélgica. A notícia é interessante para os cunicultores, pois terão assim fácil escoamento de toda a produção, eliminando desta maneira velhas dúvidas sobre comercialização.

QUEM
É
QUEM

74

NA ECONOMIA
BRASILEIRA.

visão

DIPLOMA

Cooperativa Reg. Tritícola Sorviana Ltda.

FIGUROU ENTRE AS MAIORES EMPRESAS DO BRASIL NO "QUEM É QUEM" NA ECONOMIA BRASILEIRA DE 1974, PUBLICADO PELA REVISTA VISÃO. ESTE DIPLOMA TESTEMUNHA SUA SIGNIFICATIVA PARTICIPAÇÃO NO PROGRESSO DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL.

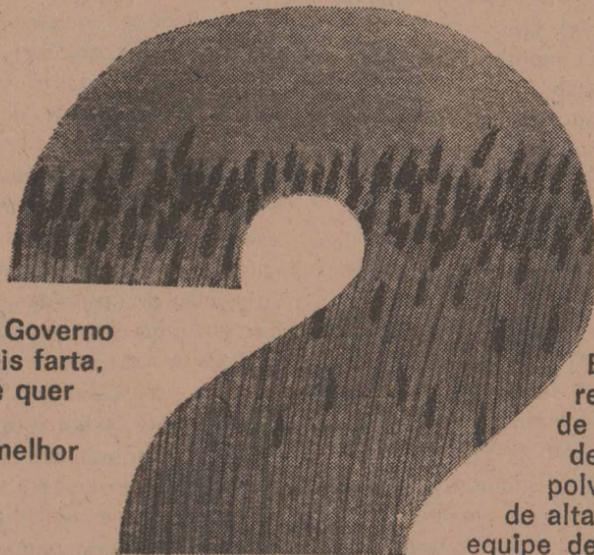
HENRY MAKSOUD - diretor presidente

COTRIJUI NO QUEM É QUEM DE VISÃO

O grupo editorial da Revista Visão, edita anualmente um levantamento empresarial, intitulado "Quem é Quem na Economia Brasileira", no qual são focalizadas as empresas nacionais que mais se destacaram nos diversos setores da economia, durante o ano.

No "Quem é Quem" de 1974, a COTRIJUI é uma das empresas destaque, tendo figurado ao lado das maiores empresas do Brasil. Esta é a segunda vez que a COTRIJUI aparece com destaque em levantamentos editoriais de expressão e âmbito nacional. Conforme publicamos no COTRIJORNAL de nº 15, de dezembro de 1974, a revista técnica Brasil-Exame, do grupo editorial Abril, a cooperativa apareceu entre as 500 principais empresas do país. E no setor de cooperativa, pelo volume de vendas, a COTRIJUI veio logo após a COTIA e a COPERSUCAR, ambas de São Paulo.

NA QUESTÃO DO TRIGO QUEM ESTÁ COM A RAZÃO?

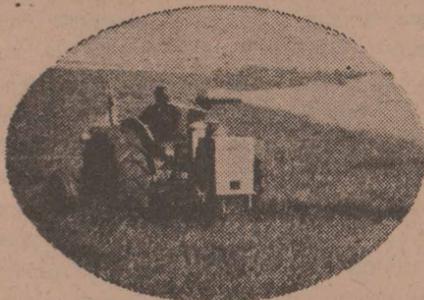


Governo ou agricultor? — O Governo que luta por uma produção mais farta, estimula os preços mínimos e quer ver acabar as importações?
— Ou o agricultor que quer melhor safra, maior produtividade por alqueire e o retorno do seu capital?

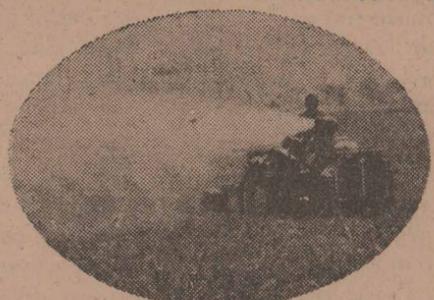
Nós respondemos:
— AMBOS TÊM RAZÃO.
E para eles, temos um santo remédio: máquinas agrícolas de eficiência total na aplicação de defensivos. Atomizadores, polvilhadeiras e pulverizadores de alta tecnologia, garantidas pela equipe de assistência técnica Jacto.



BV - ATOMIZADOR DE BAIXO VOLUME
Dotado de sistema Microjet, que divide as gotas de defensivo em micro-partículas homogêneas. Tanque de fibreglass para 330 l.



PT - 60 POLVILHADEIRA
Possui ventilador balanceado que elimina vibrações e prolonga sua vida útil. Depósito para 60 kg. Faixa de aplicação 50 m.



UBV - ATOMIZADOR DE ULTRA-BAIXO-VOLUME
Também com sistema Microjet. Específico para aplicação de LVC. Todos os controles operados pelo próprio tratorista. Tanques de polietileno para 80 l.

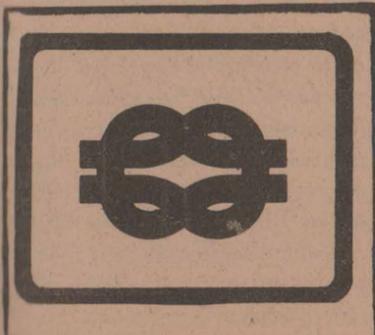
 **Jacto**
MÁQUINAS AGRÍCOLAS

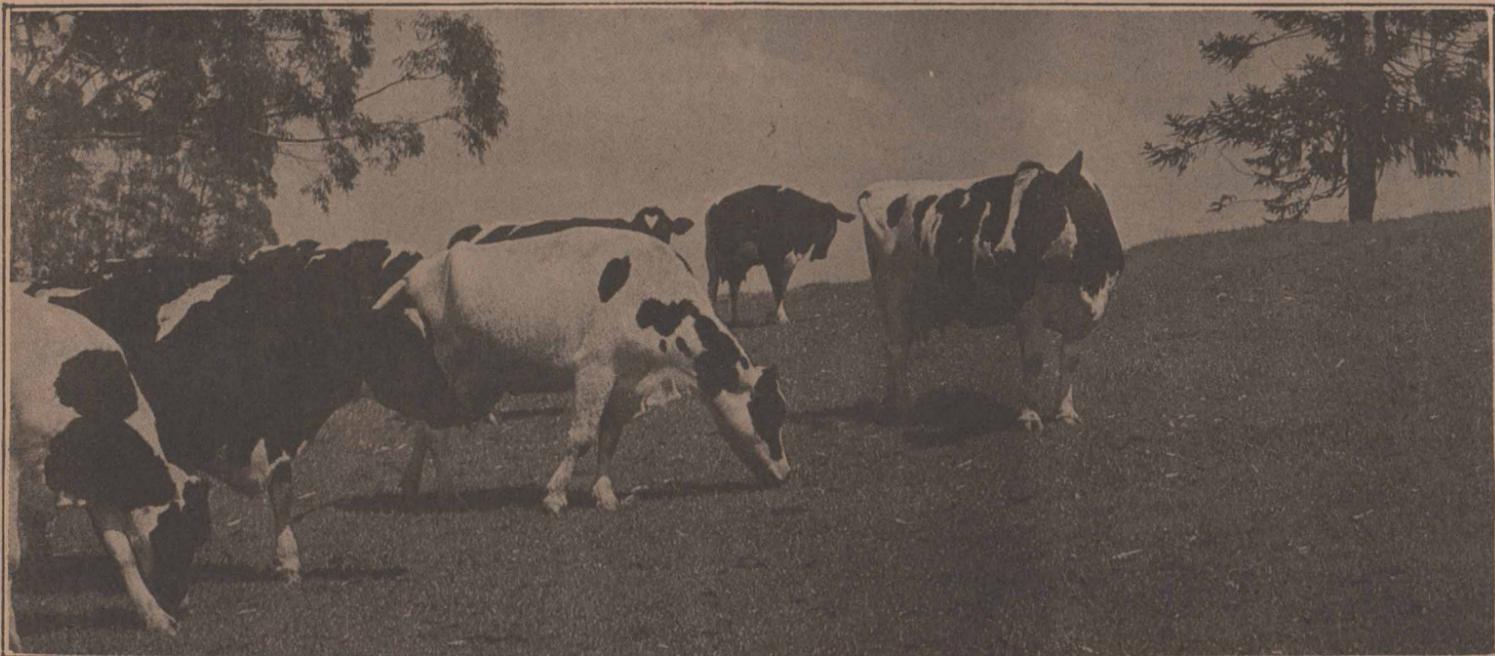
R. DR. LUIZ MIRANDA, 5 - TEL.: PBX - 231 - CEP 17580
POMPÉIA - ESTADO DE SÃO PAULO
R. MOYSES KAHAN, 37 - TELS.: 66-0449 • 67-7326 e 67-7595
SÃO PAULO - ESTADO DE SÃO PAULO

EU SOU
BRASILEIRO



JACTO
POR UM BRASIL COM TRIGO
PARA COMER E VENDER





A PECUÁRIA LEITEIRA

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

Há muitos anos a atividade leiteira vem sendo desestimulada. Muitos atribuem esta situação aos baixos preços fixados pelo governo. Outros consideram que o produtor é o maior responsável. Na verdade, as empresas de laticínios, pouco referidas, também colaboram para a manutenção deste quadro indesejável.

É plenamente sabido que não podemos considerar os preços como o principal e o único fator a limitar os lucros e a consequente expansão da pecuária leiteira. Contudo, é preciso destacar duas situações bem distintas com relação aos preços: se o preço for muito alto pode se transformar num fator negativo, contribuindo para a manutenção de sistemas de baixa produtividade e, que simplesmente subsistem pela falta de concorrência. Por outro lado, se o preço oferecido for excessivamente baixo, como vinha ocorrendo, os produtores motivados pela euforia de mercado buscam atividades que lhes possibilitem obter os rendimentos mínimos necessários à sua subsistência, como realmente aconteceu. Para ilustrar, podemos citar os resultados de um trabalho realizado pelo Departamento Técnico da CORLAC, em diferentes bacias leiteiras do Estado, no ano de 1972, onde foi observada uma grande disparidade entre o custo de um litro de leite em relação ao preço na plataforma de recebimento.

Na pequena propriedade, (15 ha.) para o proprietário auferir um rendimento de Cr\$ 3.600,00, equivalente a Cr\$ 300,00 mensais, o litro de leite deveria ser vendido a Cr\$ 0,964

na usina de recebimento. Para um estabelecimento grande (72 ha.) obter rendimento de Cr\$ 12.000,00 equivalente a Cr\$ 1.000,00 por mês, o litro de leite deveria ser vendido a Cr\$ 0,558 na usina. Na ocasião deste levantamento o litro de leite valia Cr\$ 0,520 na plataforma de recebimento da Corlac, em Porto Alegre. Os resultados deste trabalho explicam, em parte, a estagnação da pecuária leiteira do Estado, que agora com a nova política de preços e estímulos creditícios começa a reagir.

O produtor, de sua parte, levado pela propaganda, vem usando supérflua e desordenadamente as rações e concentrados. Ele ainda não se deu conta que para a vaca, o bom mesmo é "capim". Além de bom é o alimento mais econômico para qualquer região do mundo que se considere. A intensificação no uso das rações vem comprometendo o custo de produção de leite. É preciso que os produtores observem que em todo o país, o período de maior produção de leite ocorre exatamente no mesmo período da maior produção de pastos. Está aí a própria natureza a mostrar um dos caminhos para aumentar os lucros da produção leiteira, qual seja uma abundante produção de pastos, sem a qual não adianta o governo garantir bons preços. Produzir leite à base de rações é tarefa bastante fácil e que pode ser executada por qualquer pessoa. Mas para ser leiteiro de verdade é preciso formar pastagens como pasto de elefante, pasto italiano e alfafa. E mais do que isto, é ne-

cessário aplicar um bom manejo e sobretudo guardar as sobras dos períodos de abundância em forma de feno e silagem, para utilizar nos períodos de escassez de alimentos.

O problema da pecuária leiteira, conforme afirmamos no início, precisa ser analisado também a nível das usinas de recebimento. Pode-se começar formulando a seguinte pergunta: — Que melhorias têm feito as usinas em termos de recolhimento de leite? Para as usinas do Estado a resposta é: quase nada. Os produtores ainda dependem de caminhões que passam uma vez por dia em seus estabelecimentos, percorrendo grandes distâncias para recolher uma carga que compense esta longa jornada que, em muitos casos, começa às 5,00 horas e termina às 12,00 horas, percorrendo neste período mais de 100 km. Disto resulta um frete altíssimo, leite ácido e o descontentamento do produtor, tanto com o transportador como com o procedimento da usina. Aí, sem dúvida, está um dos problemas que vem contribuindo para o desestímulo do produtor de leite. É preciso então que as usinas sejam elas de cooperativas ou de particulares, se conscientizem deste fato e busquem as soluções. Parece que é necessário contratar pessoal especializado para estudar as regiões, determinar as bacias leiteiras, elaborar projetos e coordenar esforços no sentido de reivindicar preços e solicitar créditos para levar o bom termo os objetivos estabelecidos. Este estudo significa conhecer profundamente a realidade das bacias leiteiras, bem como as suas potencialidades.

Se as usinas não sabem de melhores sistemas de recolhimento de leite, que procurem conhecer, pois na Europa, na Nova Zelândia e nos Estados Unidos, há muito que ver e aprender. Isto é sumamente importante para consolidarmos a nossa pecuária leiteira, que deve ultrapassar a produção de chácaras e sobretudo diminuir as importações e reter divisas. Esta consolidação depende, em grande parte, das inovações que as usinas venham a implantar nos dias futuros.

Na Suíça, por exemplo, o tamanho das propriedades variam de 10 a 50 ha e o número de vacas de 15 a 80 por produtor. Contudo, apesar da grande divisão das terras, lá se encontra um raro exemplo de minifúndio com efetiva participação no mercado. E se eles conseguem manter um bom padrão de vida, é devido a rentabilidade da sua pecuária leiteira. Lá, isto acontece, porque eles procuram estabelecer o máximo possível de pastagens que são utilizadas para pastejo, feno e silagem, e os lucros não são absorvidos pelos transportadores.

É condição essencial para o fortalecimento da pecuária leiteira e para nossa auto-suficiência, que sejam modificados os sistemas de coleta do leite, substituindo o transporte oneroso, acidificante, e às vezes até fraudulento, por uma rede de postos de resfriamento estrategicamente distribuída. É certo que esta medida, aliada a atual política de preços, irá estimular os produtores que, indiscutivelmente, irão se preocupar em produzir pastos e reduzir os custos de produção, obtendo assim uma maior eficiência do seu trabalho. Com isso, as usinas deixarão de se preocupar com as suas cotas de importação e os brasileiros poderão se abastecer com quantidades suficientes de leite e o Brasil, por sua vez, chegará à sua auto-suficiência.

AUMENTA A ÁREA DE AVEIA

A aveia foi um dos cereais mais utilizados para formação de pastagem durante a estação fria no Estado. A redução ocorrida em sua área de cultivo deve-se a falta de cultivares resistentes à ferrugem da folha e a baixa qualidade das sementes. Esta situação começou a se modificar a partir de 1971 quando o Setor de Forrageiras da Faculdade de Agronomia de Porto Alegre iniciou uma série de experimentos com a finalidade de estudar o comportamento produtivo de aveias comuns do estado e estrangeiros. Nestes experimentos observou-se que a cultivar Coronado foi a mais resistente às ferrugens. A cultivar Nora também mostrou-se eficiente com relação às ferrugens, mas ainda não há sementes disponíveis no mercado. Ainda foram consideradas satisfatórias as cultivares: Suregrain e Preta comum. Assim, por haver disponibilidade de sementes no comércio das cultivares Coronado, Suregrain e Preta, elas estão sendo as mais cultivadas no Estado. Igualmente, a cultivar Ipecuem, há três anos já vem sendo utilizada com excelentes resultados na região das Missões e, por isso, o Departamento Técnico continua recomendando aos seus associados.

Estes cultivares, com exceção da Preta, são de duplo propósito, significando que dois ou três pastejos bem conduzidos pouco modificam a produção de grãos. Esta característica e a boa resistência às ferrugens destas cultivares veio despertar os produtores para o reinício do cultivo das aveias. Aqui em nossa região a área de pastagem de aveia tem aumentado sensivelmente. Em 1973 foram distribuídos 600 kg de aveia a associados e, em 1974 aproximadamente 28.000 kg, correspondendo a um aumento de 466%. Neste ano já foram distribuídos 100.000 kg, o que significa um aumento de 357% em relação ao ano anterior. Nos dois primeiros anos as sementes foram adquiridas de firmas especializadas, mas as distribuições deste ano são de sementes já produzidas por associados.

O que se observa, em termos gerais, é que a maioria de nossos associados estão adquirindo sementes de aveia, o que nos permite concluir que a área de pastagens de inverno está aumentando. Nós esperamos, que para o próximo ano, se estas cultivares continuarem mostrando o mesmo comportamento produtivo, as pastagens de aveia deverão continuar aumentando como nos anos anteriores.

CALCÁREO A GRANEL, META A SER ATINGIDA

Eng. Agr. Nedy Rodrigues Borges

A resposta do calcáreo no aumento da produtividade e rendimento qualitativo do trigo e da soja, vem se constituindo em algo positivo. Quem já usou calcáreo ou teve conhecimento dele através de lavouros vizinhas, não poderá mais continuar a plantar sem o emprego desse produto. E é exatamente em face dos resultados significativos da correção, que hoje já vai se tornando voz corrente entre os agricultores que "não adianta plantar sem fazer a correção do solo". Esses, os resultados presentes do uso do calcáreo. Mas nem sempre foi assim. Pode-se dizer que ainda há poucos anos era difícil convencer os agricultores da importância e necessidade da correção do solo.

Hoje, vencida a descrença do agricultor em relação à necessidade daquele produto, nossa preocupação passa a ser a demanda do calcáreo, sua qualidade, seu preço e sua distribuição nas regiões de aplicação a tempo certo de consumo.

As quantidades de calcáreo consumidas em nossa região são de tal ordem e volume, que se torna necessário modificar radicalmente o atual esquema de produção, estocagem e distribuição.

Com a finalidade de conhecer o programa de calcáreo nos Estados Unidos, viajamos àquele país em companhia de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo prof. John Murdock em visita programada pela Universidade de Wisconsin, onde, pelo espaço de 12 dias, observamos o trabalho desenvolvido nesse setor pelos americanos. Acompanhamos nessa viagem de observação os professores José G. Stammel e Marino Tedesco, ambos da UFRGS, e o eng. agr. Luiz Mário Pimenta, presidente da Cooperativa Triticola de São Francisco de Assis, e fomos unânimes em concluir que nosso sistema deve modificar-se radicalmente. Indústria, armazenagem, transporte e distribuição, devem adaptar-se para um novo

condicionamento.

A indústria deve modernizar-se, colocando secadores para funcionar o ano inteiro, independentemente da pedra úmida ou seca, ou ainda por consequência da chuva ou do sol. O produto deve ser armazenado a granel, exposto ao tempo, seja nas proximidades da indústria, nos pontos de redistribuição ou mesmo nas propriedades. A técnica desenvolvida no setor pelos americanos mostrou que somente o calcáreo muito fino precisa ser depositado ao abrigo do tempo, das intempéries.

O transporte, principalmente o ferroviário, precisa ser dinamizado, a fim de reduzir o custo em benefício da produção, portanto, do consumidor final. Hoje, gastamos somente com sacaria 40 cruzeiros por tonelada, valor esse que pode ser economizado sem perda da qualidade do produto.

Com relação a nossas observações nos Estados Unidos, onde a maior parte do calcáreo é totalmente exposta ao tempo, sem qualquer prejuízo de qualidade anotamos os seguintes preços do produto posto na indústria:

calcáreo com poder de neutralização de 60 a 69%, 1,70 dólar a tonelada. Com neutralização de 70 a 79%, 2,20 dólares, de 80 a 89%, 2,70 e com uma neutralização de 90 a 99%, 4,00 dólares.

Se considerarmos o dólar ao câmbio de Cr\$ 8,00, teríamos o calcáreo na indústria com a variação de Cr\$ 13,60 e Cr\$ 32,00 a tonelada, de acordo com a qualidade. Ve-se, pois, a diferença em relação aos preços vigorantes no Brasil, que custam, também postos na indústria, de 70 a 80 cruzeiros a tonelada.

Voltaremos a esse assunto, através de comentários no COTRIJORNAL. Trata-se de tema amplo e que consideramos de excepcional atualidade, principalmente quando o Governo Federal, através do PRO-CAL (Plano Nacional de Calcáreo), prepara-se para fazer grandes investimentos

nesse setor.

A seguir, damos algumas considerações a respeito da qualidade do calcáreo brasileiro e americano,

A pedra calcárea do Rio Grande do Sul quanto a qualidade, é semelhante e até melhor que a pedra calcárea americana. Quanto a dureza é que levamos alguma desvantagem, pois a nossa pedra é mais difícil de se triturar ou moer.

Entretanto, a grande diferença existente, é que a indústria americana divide o calcáreo em 4 tipos diferentes de acordo com a qualidade e custos, enquanto nós temos apenas um tipo com uma qualidade que chega a variar em 50%. Por outro lado, o preço é fixado para o produto de melhor qualidade, sendo que muitas vezes são entregues produtos com a metade de sua qualidade. Esta é a realidade que temos constatado nos resultados das análises de laboratório feitas nos últimos anos.

A redução do rendimento da lavoura causada pela deficiência da qualidade do calcáreo na maioria

das vezes é atribuída a época, a variedade, a assistência técnica, enfim a diferentes outros fatores. Em síntese, a deficiência da qualidade

do calcário é paga pelo produtor e pelo consumidor. E se falarmos em outros defensivos agrícolas a coisa piora. Há necessidade de que todos os brasileiros possam se alimentar a preços baixos; entretanto é também imprescindível que o produtor receba defensivos agrícolas por preços razoáveis e acima de tudo com qualidade garantida.

LABORATÓRIO DE ANA-

LISE: Em breve o laboratório de análise da COTRIJUI estará realizando análises de todas as partidas recebidas. Isto possibilitará armazenar separadamente produtos de qualidades diferentes e ao mesmo tempo fornecer aos agricultores por preços de acordo com a qualidade.

As cooperativas que já possuem indústria de óleo ou laboratório de sementes, podem facilmente determinar o poder de neutralização do calcário ou seja o PRNT. As demais cooperativas que tiverem interesse também podem fazer suas análises sendo o necessário apenas o seguinte:

1 - REAGENTES: HCL 1N
NaOH 1N
Fonolfaleina

2 - VIDRARIA: Bureta de 50 ml
Pipetas de 25 ml e 10ml
Frascos de Erlenmeyers de 250 ml.

Todas as cooperativas se conscientizando desses problemas, estarão forçando a própria indústria a se adequar às necessidades dos agricultores. A COTRIJUI se coloca à disposição das demais coirmãs que tiverem

interesse no controle da qualidade do calcário. Meia dúzia de cruzeiros é suficiente para a aquisição da vidraria e dos reagentes necessários a obtenção da análise do calcário.

a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. - R. 15 de Novembro, 448
IJUI - R. GRANDE DO SUL



CORREÇÃO DO SOLO NOS ESTADOS UNIDOS

O diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, que esteve nos Estados Unidos acompanhando professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em viagem programada pela Universidade de Wisconsin de 14 a 25 de abril, voltou impressionado pela facilidade que o agricultor norte-americano tem para preparar sua lavoura, tendo acesso para dispor da mais avançada tecnologia.

Especificamente no que se refere a correção do solo pela utilização do calcário, disse o técnico que a viagem programada pela Faculdade de Agronomia da UFRGS e organização em território americano pela Universidade de Wisconsin, teve

essa finalidade exclusiva. O estado de Wisconsin, na região litorânea aos Grandes Lagos, concentra a maioria das disponibilidades de calcário do país.

O técnico da COTRIJUI viajou aos Estados Unidos acompanhado pelos professores José G. Stammel e Marino Tedesco, ambos da Faculdade de Agronomia da UFRGS e o eng. agr. Luiz Mário Pimenta, presidente da Cooperativa Triticola de São Francisco de Assis.

Na foto, aparecem da esquerda para a direita, o eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, o professor José Stammel, o sr. Johnny Bull, diretor da Vulcan Materials, de Sussex, Wisconsin, um assessor da mesma empresa e o professor Marino Tedesco, da URRGS.

DIRETOR DE UNIVERSIDADE ALEMÃ ESPERADO EM IJUÍ

O sr. Luis Laveuve, administrador do Projeto Integrado de Desenvolvimento da Secretaria da Agricultura, que funciona junto a COTRIJUI, esteve na Suíça e na Alemanha Ocidental, no período de 13 de abril a 23 de maio, tratando de assuntos relacionados com o referido Projeto e sua expansão na região.

Relatou o sr. Luis Laveuve, como um dos resultados de sua viagem a Europa, a vinda a Ijuí, em setembro próximo, do diretor da Universidade de Gottingen, professor G. Robbelen. O professor Robbelen, segundo revelou-nos o sr. Laveuve,

é especializado em genética de colza, sendo talvez a maior autoridade do mundo naquela oleaginosa. Em Ijuí, observará nossas condições para o cultivo, cujas experiências vem sendo feitas pela cooperativa.

Além da Alemanha, onde esteve em Munique e Gottingen, o sr. Luis Laveuve esteve na Suíça, tendo se demorado em Zurique e Saint Moritz, região montanhosa do país.

Natural da Alemanha, onde saiu em 1926, sempre que tem possibilidade o sr. Luis Laveuve viaja, segundo diz, para atualizar-se das modificações que ocorrem no mundo.

SUBCOMISSÃO DA ASSEMBLÉIA ESTUDA FERTILIZANTES

A formação de uma sub-comissão especial na Assembléia Legislativa, para estudar a comercialização de fertilizantes no Estado, foi muito bem recebida pelos dirigentes de cooperativas gaúchas, que ressaltam a necessidade de uma fiscalização rigorosa em relação ao produto entregue pelas indústrias aos agricultores.

Nos últimos três anos, praticamente todas as cooperativas do Estado receberam queixas de agricultores, dizendo que o teor de fósforo, potássio e nitrogênio dos fertilizantes que compraram era muito inferior ao indicado na fórmula impressa na embalagem. O diretor técnico da COTRIJUI, Nedy Rodrigues Borges, em entrevista ao "Correio do Povo", contou que um agricultor do interior do município de Ijuí adubou sua terra, mas a lavoura de soja não desenvolvia. "Nós fizemos uma visita, e constatamos que realmente o problema poderia ser no adubo. O agricultor ainda tinha alguns sacos do produto. Mandamos analisar e constatamos que realmente ele estava adulterado. A cooperativa fez pressão sobre a indústria, e ela deu mais adubo para o agricultor, mas isto não compensou o prejuízo que ele teve".

Os prejuízos que um fertilizante adulterado causam na lavoura são variáveis, dependendo das condições do solo, do clima ocorrido durante o crescimento da planta e da região onde a lavoura está situada. O certo é que as indústrias conseguem lucros fabulosos com a adulteração, mesmo que seja mínima, a ponto de não ser notada pelos

agricultores, o que normalmente ocorre, porque "o adubo vai para baixo da terra e desaparece", como disse o diretor-técnico da COTRIJUI. Quando o agricultor reclama é porque a adulteração é realmente grosseira. Num caso desses ocorridos em Carazinho, a Cooperativa enviou uma mostra para análises num laboratório particular da cidade, e o resultado foi o seguinte:

Nitrogênio: 5 unidades, quando o normal seria 9; Fósforo: 9 unidades, quando o normal seria 36; e potássio: 6 unidades, quando o normal seria 12.

Por serem responsáveis pela distribuição de grande parte do adubo consumido no Estado, as cooperativas tem interesse em não vender o produto adulterado, e por isso todas elas enviam para análise amostras de cada partida que recebem das indústrias. Mas o único laboratório oficial para este tipo de exame é o da Secretaria da Agricultura, em Porto Alegre, que devido ao acúmulo de serviço demora no mínimo 30 dias para dar os resultados. Caso seja constatada alguma fraude, fica muito difícil evitar prejuízos para os agricultores.

Por isso Alexis Setti, diretor da Cooperativa de Carazinho, acha muito boa a idéia do deputado Aldo Pinto de formar uma comissão para investigar o assunto. "Os diretores das indústrias que alteram o adubo deveriam ser presos". Nedy Rodrigues Borges tem a mesma opinião.

Uma comissão dessas tem bastante força, e movimentando o assunto poderá despertar no governo o interesse pela fiscalização. O Ministério da Agricultura deve concentrar esforços na fiscalização, seja de de-

fensivos, adubos, calcário ou sementes. Há poucos técnicos, faltam recursos, e está análise que nós mandamos fazer periodicamente não tem valor judicial, caso algum agricultor queira mover ação contra o fabricante, porque a amostra não foi colhida por pessoa credenciada. Nós mandamos amostra para análise só para nossa segurança, e para orientar o agricultor, porque em caso de fraude não há como evitar o prejuízo".

Para exemplificar esta necessidade de fiscalização de todos os produtos vendidos aos agricultores, o diretor técnico da COTRIJUI cita o Projeto Calcário, em execução pelo governo para a recuperação dos solos com grandes facilidades para a compra do produto pelos agricultores: "O governo lançou o projeto, com grandes incentivos, mas quem mais se beneficia são as indústrias, vendendo produtos de baixa qualidade a preços altos. Nós temos mandado calcário para análise e encontrado falhas de até 50 por cento na composição do produto".

Enquanto não houver um sistema eficiente de fiscalização por parte do governo, o único recurso das cooperativas e dos produtores continuará sendo comprar fertilizantes apenas de empresas idôneas. Mas sempre correndo o risco de, após meses de trabalho duro, verificar que a lavoura não produziu o esperado porque a terra não recebeu a quantidade de fertilizantes que necessitava. E quando isso acontece, as indústrias já receberam e aplicaram o dinheiro extra resultante da fraude.

LAVOURA TRITICOLA PODE AUMENTAR 50%

O diretor do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional, Humberto Garófalo, falando a imprensa de Porto Alegre, disse acreditar que a produção nacional de trigo poderá atingir a 3,9 milhões de toneladas.

Garófalo confirmou a previsão de um incremento de 20 por cento na área plantada com trigo no Rio Grande do Sul, em relação à safra passada. Por isto ele acredita que a produção gaúcha de trigo, este ano, poderá atingir a um volume recorde de 1,9 milhão de toneladas a 2 milhões de toneladas contra 1,6 milhão de toneladas do ano passado.

O diretor da CTRIN estima em mais de 50 por cento o crescimento da lavoura tritícola em todo País. Sobretudo no Paraná, houve um crescimento sensível da produção: em 71, os triticultores paranaenses colheram 240 mil toneladas; em 72,

o ano da grande frustração da safra nacional, a colheita baixou para 92 mil toneladas; mas, em 73, tornou a subir, indo para 474 mil toneladas; no ano passado, chegou a 1.010 milhão de toneladas; e, este ano, a previsão é de no mínimo 1,5 milhão de toneladas.

Da mesma forma, tem-se observado um crescimento de trigo em outros Estados. São Paulo, por exemplo, com uma área plantada de mais de 120 mil hectares, deverá colher, este ano, cerca de 180 mil toneladas; Mato Grosso, 40 mil toneladas; e Santa Catarina, 80 mil toneladas.

O plantio do trigo, no Estado, teve início no último dia 15 e deverá se estender até 15 de julho próximo. Garófalo acredita que, até o momento, apenas 5 por cento da área reservada para o trigo foi plantada.

COTRIJUI EM CURSO FECOTRIGO-ASCAR

A convite da FECOTRIGO, o eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, proferiu palestras sobre o tema sistemática do Fungran (Fundo Cooperativo de Auxílio Contra o Granizo), em Viamão, no dia 7 de maio. As palestras, proferidas pela manhã e à tarde, realizaram-se no Seminário Maior de Vião, dentro de um curso de treinamento promovido pela ASCAR, destinado ao seu pessoal técnico.

Mais de uma centena de técnicos da ASCAR assistiu as palestras, preparando-se para orientar os agricultores no aproveitamento do referido Fundo Cooperativo em todo o Estado.



OTRISOL

SUPLEMENTO INFANTIL — JUNHO/75

Elaboração: Viro Frantz — Moacir Lima — Wally Arns

ESOLINHA
DE ARTE
DA
FIDENE

D. PERDIZ E D. POMBA

D. Pomba estava almoçando quando D. Perdiz aterrissou perto dela.

— Vizinha, vizinha, a Sr^a também recebeu convite para a reunião da Escola?

— Recebi sim. Respondeu D. Pomba engolindo mais um grão de milho. — Mas não sei se vou poder ir. Estamos construindo nosso novo ninho. O outro foi destruído pela queimada.

— É se não é a queimada, são aqueles monstros barulhentos que cortam a esmagam tudo. Meu marido até já falou em emigrar. Ele diz que aqui bicho não tem mais vez, — comentou D. Perdiz e resolveu ciscar umas migalhas do almoço da vizinha.

D. Pomba, que já estava de papo cheio, enfiou o bico debaixo da asa e começou a catar um pulgão que a estava encomodando. D. Perdiz não gostou destes modos, porém, lembrando-se do motivo da visita, falou:

— Mas voltando a falar da escola, D. Pomba, eu acho que devemos ir. Não sei não, mas nesta escola estão acontecendo coisas! Se a gente não tomar providências... Imagine, meu filho me contou que uma das coleguinhas, a minhoquinha, desenhou a mãe dela mostrando a língua. E não quero dizer nada contra sua filha, afinal, acho que sua Rolita é uma ótima pombinha, mas meu filho me contou que ela desenhou a Sr^a e seu marido em plena dança de amor.

D. Pomba não viu motivos para se escandalizar. Ao contrário, achava que o amor e um bom milho como este que ela recém tinha comido, eram fatos que tornavam a vida bem mais agradável.

É depois, Rolita, já tinha saído do ovo há uns meses, e em pouco tempo seria procurada por um pombinho também. Mas como conhecia D. Perdiz, resolveu não comentar o fato e só disse:

— É, também não sei como aceitaram uma minhoca na escola. Só faltava deixarem entrar ainda pulgas; piolhos, moscas, carrapatos, lesmas... Não que não tenham direito à escola, mas.

— Sim, claro, claro. Entendo, vizinho. Afinal, esta gentinha deve saber o seu lugar, não é?

— Agora, o que mais me preocupa é o fato do filho do Senhor Raposão frequentar a mesma escola de nossos filhos. A família das raposas sempre foi dada a perseguir a nossa. Fico toda arrepiada pensando em Rolita, tão indefesa.

— Falando nisto, o que acha de D. Coruja como professora? Na noite passada tive um pesadelo horrível... Nem contei a meu marido, porque ele nunca deu muito apoio à escola. Ele acha que podíamos cuidar nós mesmos da educação de nossos filhos, e, desafora! Disse que eu queria me livrar dos meus filhos por isto os madava para a escola.

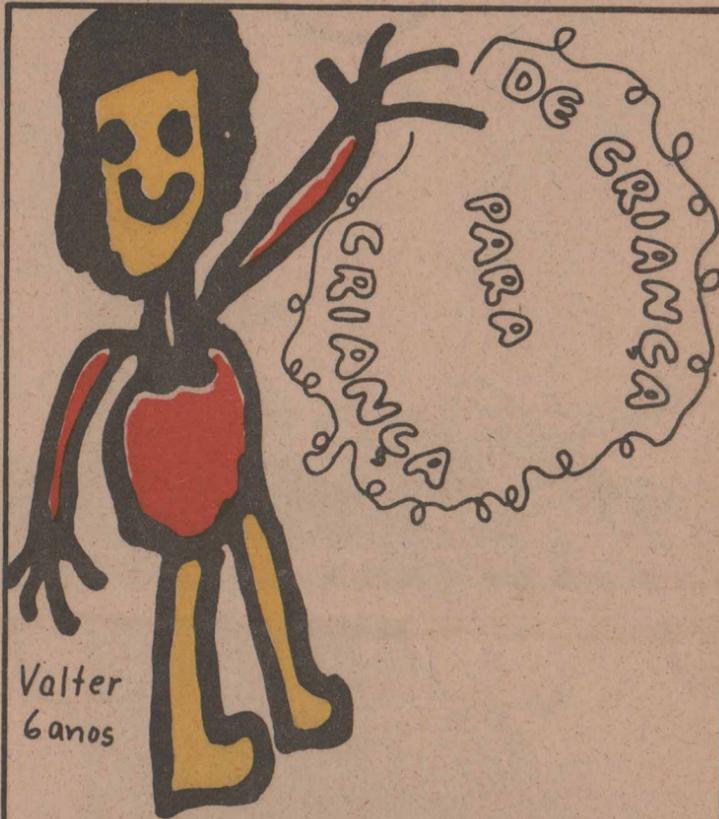
À D. Pomba pouco estavam interessando as brigas de D. Perdiz. O que lhe interessava mesmo era o pesadelo. Ela dava muito valor aos sonhos, por isto insistiu para que a amiga contasse.

— Bem, foi muito confuso, — Falou D. Perdiz. Mas sei que uma sombra enorme foi se aproximando, depois não era mais sombra, era um corujão enorme que caía velozmente em minha direção. E os ovos que eu estava chocando, piavam amedrontados, como se já fossem filhotes.

— E depois? Perguntou D. Pomba com as penas todas arrepiadas.

— Depois acordei.

— É, falou D. Pomba, acho que devemos ir à reunião.



Recebemos correspondência dos seguintes amiguinhos: Paulo Nicoletti — Augusto Pestana, Adroaldo dos S. Prates — Rincão dos Corrêa, Cledi Megier da Silva — Barro Preto — Ajuricaba, Beloni Prates — Vila Mauá.

Embora já passou o dia das mães, vamos ver uma trova sobre as mães. Pois, devemos lembrar da mamãe todos os dias.

Salve o Dia das Mães
Dia de Grande Alegria
Salve o mês de maio
Mês da Virgem Maria.

Saúdo todas as mães
especialmente a minha
Que ela me parece
Ser uma grande rainha.

As mães do mundo inteiro
Eu saúdo de coração
para as ljuienses
Vai esta publicação.
Beloni Prates

A AGRICULTURA

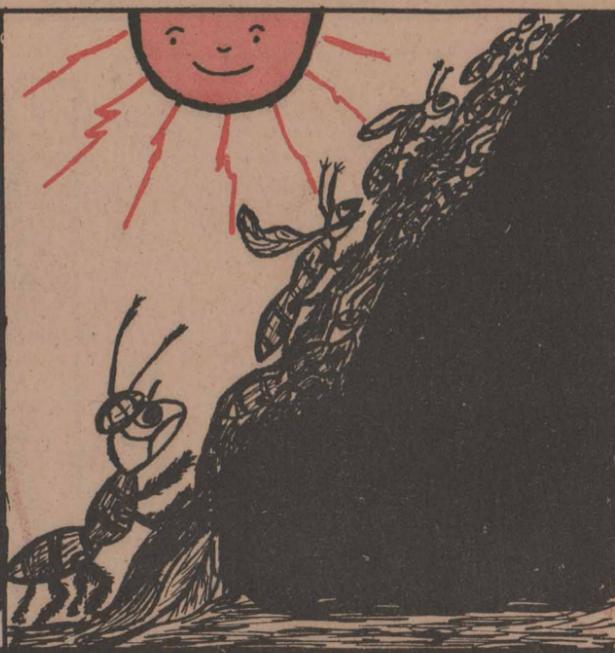
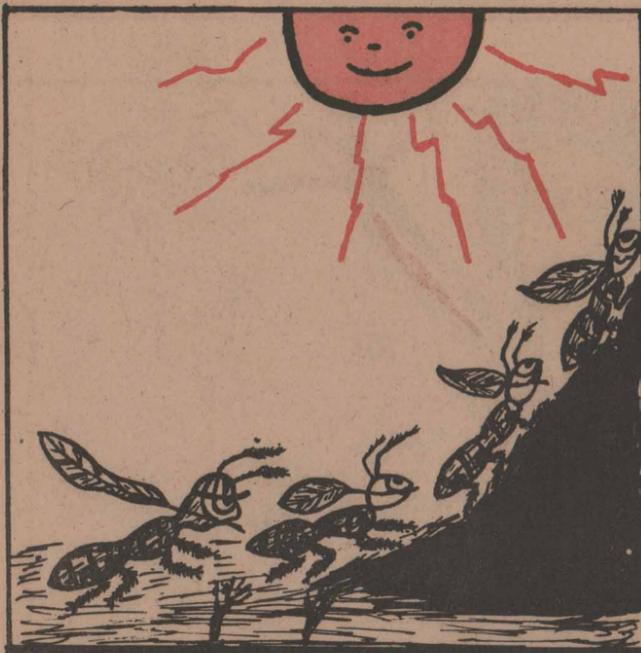
Ao amigo agricultor
Que a semente semeou
Agradecemos a Deus Pai
Que as plantas abençoou.

Eu me chamo Adroaldo Prates
e moro aqui no Rincão
Colho soja e planto trigo
Que é a minha profissão.

Eu rezo todos os dias
Agradeço a providência divina
Finalizo estes meus versos
Que logo Adroaldo assina.
Adroaldo dos S. Prates

Estamos esperando a cartinha de vocês. Escrevam.
No próximo tem mais. OK?







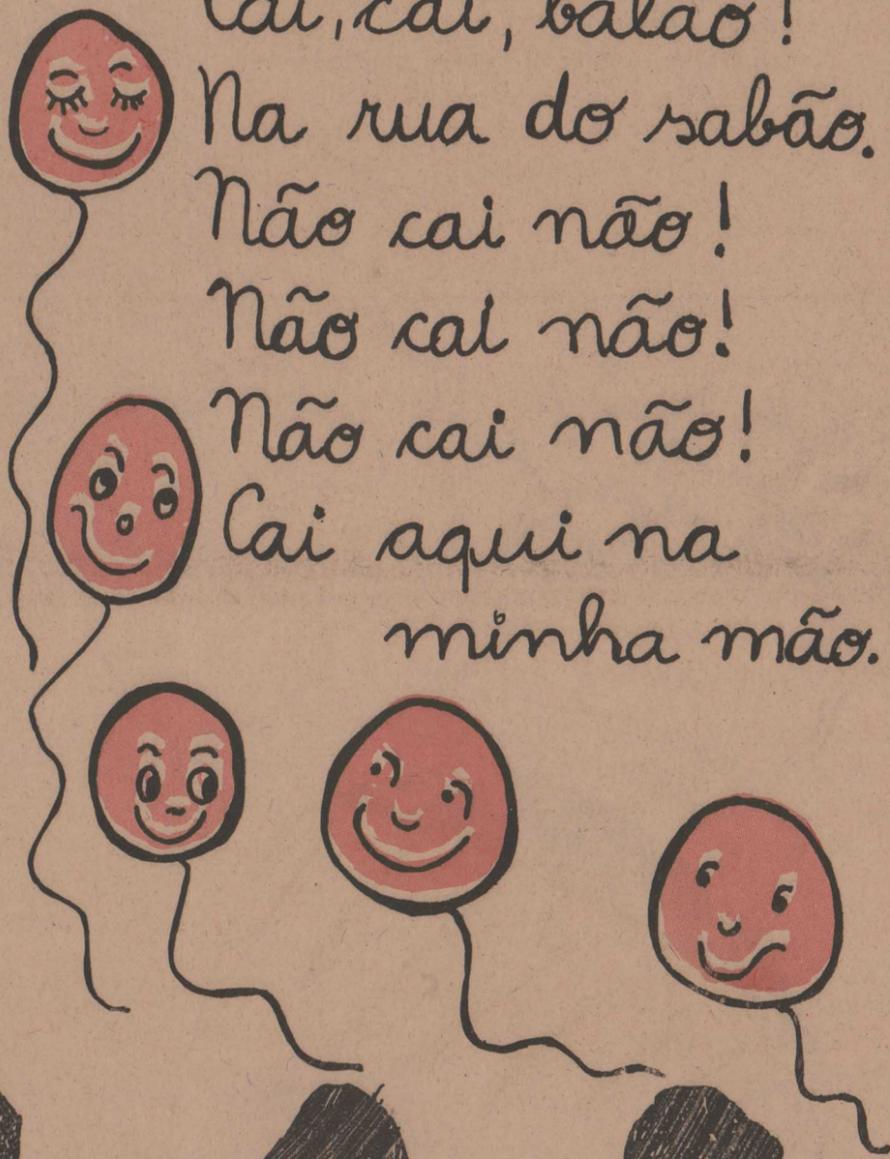
A canoa virou
 Por deixarem-na virar
 Foi por causa da Maria
 Que não soube remar.



Se eu fosse um peixinho,
 E soubesse nadar,
 Tirava a Maria
 Lá do fundo do mar.



Cai, cai, balão!
 Cai, cai, balão!
 Na rua do sabão.
 Não cai não!
 Não cai não!
 Não cai não!
 Cai aqui na
 minha mão.



Desenho
 de
 Marlova
 (10 anos)

BONECOS DE VARA?

Vocês já ouviram falar de bonecos de vara? Já viram um teatrinho feito com bonecos de vara?

Pode-se fazer bonecos de muitos tipos. Se vocês querem, podem fazer reis, rainhas palhaços, crianças, e velhos, bichos e robôs . . .

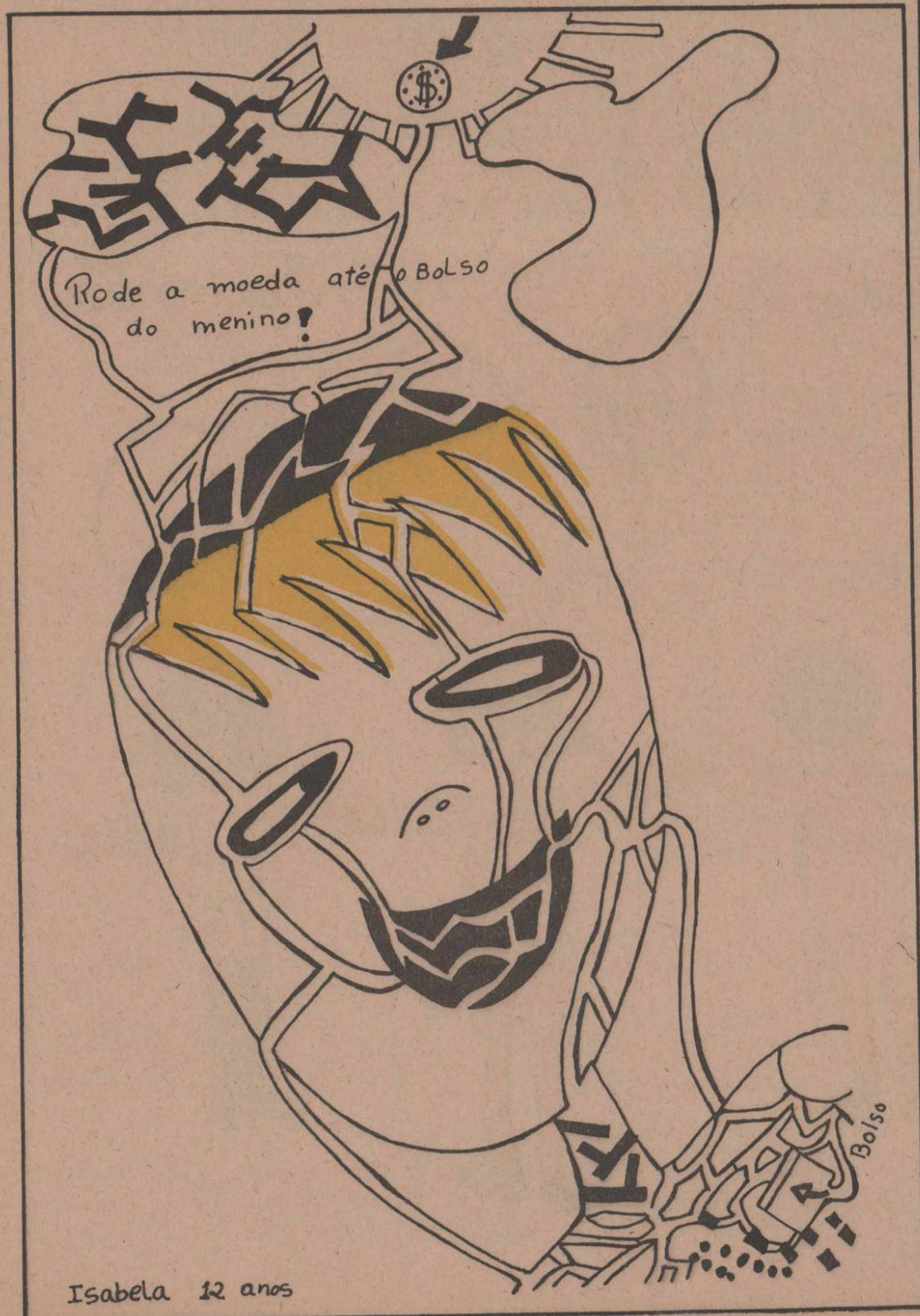
Vamos fazer os nossos bonecos e o nosso teatrinho? É fácil. Eles nascem do lixo. Vocês pegam um monte de material que existe atirado num canto, como por exemplo:

Folhas de jornal, papel crepom, cartolina, retalhos de papel brilhante, retalhos de tecidos, feltro, botões, sementes, palhas, sisal, fios diversos, sabugos, caixas vazias, barbante, cola, tachinha e percevejo, preguinhos, varetas de grossura de um dedo, tesoura, martelo.

E mãos à obra.

Pegamos uma vareta de 50 ou 60 cm. da grossura de um dedo, 2 botões ou 2 pedaços de feltro, 3 a 4 fios de palha e preguamos ou colamos na vareta.

Vamos ajustando aqui e ali. Pronto, surge o boneco. O nosso 1º boneco.



Agora vamos inventar o nosso 2º boneco, para que possamos fazer o nosso espetáculo.

Pegamos um saco vazio e enchemos com papel de jornal rasgado, então temos uma bola.

Agora, pegamos uma vareta igual a primeira (50 ou 60 cm. da grossura de um dedo) e enfiamos dentro do saquinho. Mas, bem devagar, para não furar. E amarramos bem as bordas vazias do saco na vareta. Temos até agora, uma grande bola com um pescoço comprido.

Desenhamos então, na bola, os olhos, a boca, e o nariz. Vamos cobrir o restante da vareta com retalhos de papel ou pano. Pronto, conseguimos mais um boneco.

Para dar movimento aos bonecos, nós seguramos bem embaixo da vareta.

Agora, com dois bonecos, poderemos fazer o nosso show.

Nós pegamos uma mesa, ou umas tábuas e nos escondemos atrás, só mostramos os bonecos. Assim, quem está olhando, só enxerga os bonecos.

Mas os bonequinhos não falam?

Claro que falam. Nós falamos por eles. Vamos falando e movimentando os bonecos com as mãos.

A historinha, nós mesmos podemos fazer.

No desenho acima vocês estão vendo vários tipos de bonecos. Mas vocês podem inventar outros tipos de bonecos: Mais bonitos, pintados, com cabelo e bigode, com chapéu.

Viram como é fácil?

Que tal vocês programarem um show, para apresentar na aula, hem?

Os amiguinhos de vocês vão adorar. Até o professor ou a professora vão gostar.